

Casa da Família Brasileira, S/A.

RUA URUGUAIANA, 118 — 4.º and. — Salas 406 e 407

Telefone 23-3790 —:— Rio de Janeiro

CARTA ABERTA AOS SNRS. CHEFES DE FAMÍLIA

Meu Amigo.

O Snr. é casado e tem filhos. Paga aluguel pela casa em que reside com sua família, porquanto, ela não pode morar na rua nem nos bancos dos jardins. Qualquer pois, que seja sua condição, uma coisa é certa: o sr. paga aluguel de casa alheia.

A vida de incertezas, causada pela condição de inquilino, impede que o chefe de família usufrua os encantos do lar, porque a sombra fantasmagórica do senhorio, antepõe-se às necessidades mais primárias da esposa e dos filhos.

E passam-se os anos... Um dia o Sr. morre. Qual então a situação de sua família perante o Senhorio, esse comensal privilegiado e guloso que engorda com um terço pelo menos, de seus ordenados?

Evite isso, meu amigo.

A "CASA DA FAMÍLIA BRASILEIRA S/A", organização criada especialmente para ajudá-lo em seu cuidado paternal, sava-lo-á desta triste situação.

Ela, esta instituição humana e benfazeja lhe proporcionará dentro do possível os meios de que o senhor precisa, exigindo tão somente o que os senhorios em geral exigem: um depósito para a garantia das prestações mensais, e, este mesmo em pequenas parcelas.

Deste modo, só um chefe de família negligente, deixará de dar UMA RESIDÊNCIA FIXA E PRÓPRIA A SEUS FILHOS.

O depósito é a única exigência que se lhe faz e servirá para que o Sr. não fique em sobresaltos, no caso de atraso no pagamento das prestações. O primeiro pagamento desse depósito o colocará entre os que pretendem casas residenciais.

Chegada sua vez, na ordem das inscrições, suas ações serão caucionadas na CAIXA ECONÔMICA. Pelo exposto, o Sr. como homem, digno do nome sagrado de pai e esposo, não perderá tempo nem medirá dificuldades em defender os seus, os quais, por motivo de sua morte, terão de enfrentar possivelmente, uma série de tristes peripécias.

A "CASA DA FAMÍLIA BRASILEIRA S/A", oferece-lhe a oportunidade de evitar uma dessas peripécias, a mais séria delas: A RESIDÊNCIA DE SUA FAMÍLIA!

Caro amigo:

Ao adquirir por intermédio da "CASA DA FAMÍLIA BRASILEIRA S/A", uma casa para sua família, o Sr. não se liberta apenas do senhorio: O Sr. realiza ao mesmo tempo, três atos de suma importância:

1.º) A importância de suas prestações mensais representará para o Sr. uma economia, porque o Sr. paga-a ao Sr. mesmo, ao passo que a paga ao senhorio é totalmente perdida.

2.º) Com esta mesma importância o Sr. está comprando uma casa que será futuramente, um patrimônio inalienável de sua família.

3.º) Ainda com esta mesma importância, sem nenhum acréscimo, está o amigo fazendo um pecúlio para sua família.

Refleta pois, e procure-nos. Este é o melhor e menos dispendioso caminho para a consecução de seus fins.

T A B E L A					
Financiamento e prestações mensais					
Contos	Prest.	Benef. Depto. Ass. Social	Exped.	Total	Ações
10	107\$461	20\$000	2\$549	130\$100	4
15	161\$191	20\$000	3\$623	184\$813	6
20	214\$822	20\$000	4\$696	239\$518	8
25	268\$652	20\$000	5\$773	294\$426	10
30	322\$383	20\$000	6\$847	359\$230	12
35	376\$113	20\$000	7\$922	404\$035	14
40	429\$844	20\$000	8\$996	458\$840	16
45	483\$574	20\$000	10\$714	513\$646	18
50	537\$305	20\$000	11\$146	568\$446	20

N O T A — Nesta tabela não estão computadas as ações da CASA DA FAMÍLIA BRASILEIRA S/A. tem tampouco a JOIA e QUOTA OBITUÁRIA de 5\$000, esta variável de 0 a 3 por mês, conforme se verifiquem até 3 óbitos.

OS INCORPORADORES

TYP. BAPTISTA DE SOUZA — R. da Misericórdia, 51 — Rio de Janeiro —
Impresso em papel Couché Nacional "Klabin"

28 Mensageiro de N. S. Menina

Ano III

Julho de 1942

Num. 27



BN
1 339
3 34

Atenção!...

VILA BEIRA SERRA

Otimos Sítios a prestações na
Serra de Petrópolis

Tem Água, Luz e Telefone

Adiante da Fábrica de Motores

Procurem Meirelles

Avenida Rio Branco, 117

Sala, 423 4º andar Telefone 23-0969

Mobiliária "ROSÁRIO" Ltda.

Grande e permanente exposição de MÓVEIS Modernos e de Estilo, sólidos e garantidos, Tapeçarias e Congoleuns. — Especial sortimento de Móveis para Escritórios.



Vendas á Dinheiro
PREÇOS SEM
RIVAL

VENDAS A PRAZO
SÓ PELO AUG-
MENTO DE 1 %
AO MES.

RUA DO ROSÁRIO, 140

Teleph. 23-5674

RIO DE JANEIRO

Dr. Doralécio Walcacer

ADVOGADO

Inscrito na Ordem dos Advoga-
dos do Distrito Federal, aceita
causas cíveis, comerciais
e criminais.

Escritório

RUA BUENOS AIRES, 17-1.º

Sala 11 — Telefone 43-6098

Mensageiro de N. S. Menina

ANO III

RIO DE JANEIRO — JULHO DE 1942

N.º 27

Redação e Administração: Capela de N. S. Menina — RUA OTO DE ALENCAR, 20 — FONE 28-7823.
Escritório: RUA DA CONSTITUIÇÃO, 10-1.º and. — FONE 22-7368

DIRETOR: DOM CARLOS DUARTE COSTA (Bispo de Maura)

A Santidade democratizou-se

Tenho ouvido homens exclamar no grande naufrágio do mundo hodierno:

"Santos! quem nos dará santos que nos salvem?..."

E encontrei a santidade difundida nas massas populares... A santidade, realmente, democratizou-se.

Ninguém, certamente, extranhará que, perante a miséria atual, haja quem se lance de joelhos pedindo santos. Todavia, nesta piedosa obstinação em reclamar um "salvador" sobrenatural e em contar somente com a sua extraordinária intervenção, não haverá um fenômeno análogo á esperança tenaz de um "salvador" político?

Talvez fosse fácil mostrar, dissimulada sob as formas contemporâneas de cesarismo, uma desconfiança excessiva de Deus, do povo e da hierarquia.

— A salvação está no povo.

E' no povo, árbitro dos seus destinos e dos nossos, e pelo povo, convertido integralmente ao cristianismo, que nós nos salvaremos, porque a salvação está na formação católica da democracia.

Já se pensou, já se calculou quantos elementos redentores existem entre o povo e já se viu como ele realizou, no seu próprio estado, as condições materiais da santidade e da salvação? As paixões e os vícios dos indivíduos, quaisquer que sejam as suas causas, nada mudam neste fato característico. Onde haverá mais trabalho e sofrimentos, maior dependência dos homens e das coisas, desinteresse mais efetivo do mundo e dos seus bens? Fato extraordinário! Aqueles mesmos que não vêm do povo aí regressam sempre, por um desvio inevitável, si forem aprender na escola de Jesús o que é a pobreza, a obediência, a humildade. Uma das maiores maravilhas da história da Igreja é ver os santos se dedicarem voluntariamente á vida popular, pelo proprio fato da sua santidade ou dos seus votos e converterem-se, por livre escolha, em trabalhadores ou em mendigos, "humildes" ou servos dos "humildes".

Extraordinária essa página do Evangelho em que Jesús, num discurso penetrante, se assemelha aos rotos e famintos, aos prisioneiros e aos prole-tários.

Os miseráveis são o próprio Cristo!

E, sendo assim, que estações dolorosas para eles, que suor de sangue e de água, que escarros no rosto e que afrontas, que suplicio e que cruz! Ah! Os rudes caminhos a subir, por onde passa o povo, — porque todos esses pobres e todos esses humilhados são bem o povo! E que paixão! A "paixão" no corpo e na alma, e, desta vez, feita de ignorância e de ódio, como a outra era feita de luz e de amor!...

Suprema ironia: esse paciente é REI!

No alto da sua cruz pregaram-lhe este escrito: "O POVO SOBERANO!"

— Não digais que Ele é soberano, exclamam os PRUDENTES (!), mas que o quer ser!...

Os seus protestos perdem-se no tumulto geral. Apenas se ouve Pilatos responder:

— "ESTA' ESCRITO".

Com efeito, está escrito. Mas aqueles que lavam as mãos, e que disso se lisonjeiam, terão a consciência da atração onipotente que a CRUZ libertadora do HOMEM-DEUS vai exercer sobre todas essas misérias?

E' do HOMEM-DEUS que os sofrimentos do povo receberão a sua força. A CRUZ imprimirá neles o Caráter Cristão, que não teriam sem ela. E' aí que eles encontrarão o seu sentido; é daí que virá a sua eficácia.

Considerando-os sob este prisma, não se tornam tão consoladores como misteriosos? Sim; o povo, que é o escravo, o humilhado, o crucificado de todas as idades e de todas as civilizações, traz-nos a salvação nas suas próprias humilhações. Logo que lhe aparece a imagem sangrenta e dolorosa de Jesús, em traços de luz, no céu negro e perturbado, sente-se atraído para ela por uma íntima simpatia,

nascida de uma afinidade de condições. A educação cristã deve mostrar-lhe essa imagem. Advertido pelos seus próprios sofrimentos, iluminado pela sua fé, sustentado pela sua vontade e por essa força, que é a graça de Deus, o povo dirigir-se-á ao Redentor e arrastará após si o mundo. Os "velhos" dogmas, em que ele acredita, explicar-lhe-ão os tempos novos; e os "mandamentos", que observará, torna-lo-ão digno desses tempos.

Na história e na arte operou-se um duplo movimento, em sentido inverso, em volta da obra e do nome de Jesus.

Ao passo que uns, com o auxílio da exegese e da crítica, da linguística e da etnografia, representam o HOMEM-DEUS tal como Ele viveu na humilde província da Galiléia, onde trabalhara com as suas mãos, outros esforçam-se por demonstrar como Ele viveria hoje num meio popular, e não receiam entrá-lo de carpinteiro contemporâneo, como homem de trabalho, sabendo manejar um esquadro e um martelo.

Grande Matrona

Cônego Aurélio Henriques. Rio, 9-7-942.

Os arcanos divinos são insondáveis!... Deus nos seus altos designios traça planos admiráveis e envoltos em maravilhas e mistérios.

O plano da redenção da humanidade devia ser traçado pela Providência divina, para que tivesse entre os homens plena execução, rehabilitando destarte a humanidade.

No convívio do mundo deviam aparecer e surgir personalidades dotadas de qualidade e dons os mais perfeitos e iluminados pelo Espírito do Alto, para que executassem a obra dos homens.

Dos rebentos do tronco primitivo saem esses seres dotados das virtudes e prerrogativas necessárias.

Das tribus de "Levi" e de "Judá", decaídas, surgem Mathias e Maria, progenitores de Ana, que estava predestinada a ser a "Grande Matrona", em ordem ao desenrolar dos planos do Altíssimo.

Oriunda dessa dupla nobreza, Ana foi talhada a ser o tipo original e perfeito das Matronas que, no porvir, surgiriam, séculos afora, o regimen do Evangelho-Nova era de transição e de epopeias.

Desde a infância seu espírito e seu caráter primavam pela virtude, piedade e recolhimento, conservando em seu coração o doce arfar de uma esperança consolidada nas promessas de um Messias Salvador de Israel e de todos os povos.

Crescida e na idade legal dotam-na com o matrimônio com Joaquim, da tribu Sacerdotal, varão perfeito e bom em virtudes e costumes. União abençoada e exemplar, mas uma desdita amargurava depois seus dias, cobrindo de negrume a vida feliz dos santos cônjuges — escrutínios divinos.

Depois de bastantes anos de humilhação e também de conformação com a vontade de Deus, no momento e na hora de maiores incertezas e dúvidas para o homem, rasga-se o véu e resplandece a obra divina — a esterilidade torna-se fecunda. Ana concebe na sua seneetude e dá ao mundo o fruto de sua clarividente esperança, torna-se, é propriamente constituída, pela graça de Deus, Mãe da Mãe do Messias — Jesus Cristo — o desejado e profetizado pelos Patriarcas e Profetas.

Transformou assim Ana na "Grande Matrona", que en-

Foi assim que um pintor inglês do século passado representou Jesus operário, de pé junto de uma banca de trabalho, no momento em que, cansado de uma fatigante tarefa, estende os seus membros adormecidos. Ao estender os braços, estes projetam sobre uma parede em frente uma grande cruz de sombra. — Não será este um símbolo da vida popular?

O povo sofre, geme, sua sangue e água!...

Os sofrimentos de Cristo continuam e concluem-se nele; depende dele e de nós que estes sofrimentos redimam e santifiquem, e que a humanidade marche e progrida á sombra da Cruz!...

Certamente não é com a DEIFICAÇÃO do ESTADO, como quer o NAZISMO, que surgirão no meio do povo os "Santos", mas, vivendo dentro dos princípios trazidos por Cristo ao mundo, que a "Santidade" pululará, qual símbolo redentor do espírito liberal de Cristo, dentro da sã DEMOCRACIA patrocinada pela Igreja.

tra na execução do plano divino em ordem ao ressurgimento da humanidade.

Tornando-se Mãe, cuidou e aplicou-se unicamente de zelar e de desvelar pelo dom recebido do céu.

— "Oh! a mais feliz das mães" — exclama S. João Damasceno, que glória para Vós haver nutrido aquela que devia sustentar com o leite de seus peitos virginais o que sustenta o universo inteiro: O beata ubera quae ejus, qui mundum nutristi, nutricem lactarunt.

Por entre sorrisos e meiguices maternais, derramava no coração de sua filha o liquido suave e balsâmico da educação perfeita.

Mães do presente, matronas cristãs, velai por vossos filhos, dons do céu, com raízes e vitalidade na terra, sede constantes e aprimorai-vos na educação perfeita e saneada de vossos filhos, para que assim possam eles, mercê de vossos sacrifícios e esforços, com o cultivo das virtudes e prática dos bons costumes, desempenhar condignamente os misteres de sua vocação na vida religiosa e social; formando o caráter e a grandeza de seu espírito para realização das ações mais nobres que formam o homem perfeito e bem acabado.

Sejam as mães do presente século, varonis em sua ação educadora, prelibando na taça do dever as doçuras e encantos da consciência tranquila pelo cumprimento de um sagrado dever — a educação perfeita da sua prole.

Tôdas Mães, "Matronas" que elas são, como Ana, têm deveres a cumprir não só perante a sociedade que estuda e critica suas ações, mas principalmente para com aqueles que plasmaram.

Quão outra não seria a sociedade de nossos tempos, si as mães fossem revestidas das fibras de Sant'Ana!... Muitas houve e ainda se levantam no seio da família cristã, que legam a sua progénie o leite purissimo e vigoroso da lidima educação.

Seus nomes e sua missão estão gravados no Santuário Sagrado da fam'lia católica.

Quer nos dias fagueiros do feliz conúbio, quer nas agruras e mordacidade da viuvez, como Sant'Ana tôdas as mães, Glória da Religião e beneméritas da Pátria, são realmente "Grandes Matronas"...

O Mundo Livre ou Escravizado

"A ordem mundial que buscamos é a cooperação de países livres, trabalhando juntos numa sociedade fraterna e civilizada". (Presidente Roosevelt, em 6 de Janeiro de 1941).

Enquanto que Adolf Hitler e seus bandidos de Tóquio e Roma procuram, com uma crueldade nunca vista antes, algemar o mundo a uma "nova ordem" nazista ou japonesa, as Nações Unidas estão se batendo para proporcionar a verdadeira antítese de um destino tão ameaçador.

Que é que os Estados Unidos, Grã-Bretanha e as nações aliadas da justiça e liberdade reservam à maneira de esperanças para a humanidade sofredora?

Qual seria, pelas próprias condenáveis palavras e ações de Hitler e seus comparsas japoneses, o destino desses milhões de sofredores, si o Eixo vencesse? Quais são os fatos? De um lado aqueles registados em palavras e ações de homens tementes a Deus, que lutam para preservar a dignidade do homem; de outro, em sangue e terror.

As Nações Unidas prometeram, não para própria ambição, mas para o bem do mundo inteiro, os frutos da sua vitória.

Essas recompensas estão expostas na Carta do Atlântico, a qual o Presidente Roosevelt e o Primeiro Ministro Winston Churchill, da Grã-Bretanha redigiram, em alto mar, a 14 de Agosto de 1941, quando a guerra se aproximava cada vez mais do Continente Americano.

Adotada no Dia de Ano Bom de 1942, como o credo de luta e objetivo de guerra de tôdas as Nações Unidas, e reafirmada menos de um mês mais tarde pelas Repúblicas Americanas no histórico Estatuto do Rio de Janeiro, as nações aliadas da Justiça prometem:

"Primeiro, seus respectivos países não procuram nenhum engrandecimento, nem territorial nem de outra natureza;

"Segundo, não desejam que se realizem modificações territoriais que não estejam de acôrdo com os desejos que exprimam livremente os povos atingidos;

"Terceiro, respeitam o direito de todos os povos de escolher a forma de governo sob a qual haverão de viver; e desejam que se restitua os direitos soberanos e a independência aos povos que foram despojados destes direitos pela força;

"Quarto, com o devido respeito as suas obrigações existentes, se empenharão para que todos os estados, sejam grandes ou pequenos, vitoriosos ou vencidos, desfrutem do acesso, em igualdade de condições, ao comércio e às matérias primas do mundo, de que precisem para a sua prosperidade econômica;

"Quinto, desejam dar cumprimento, no sampo da economia, à colaboração mais completa entre tôdas as nações com o fim de conseguir, para todos, melhores condições de trabalho, prosperidade econômica e segurança social;

"Sexto, depois da destruição completa da tirania nazista, esperam que se estabeleça uma paz que proporcione a tôdas as nações os meios de subsistir em segurança dentro de suas próprias fronteiras, e que dê garantias de que todos os homens em tôdas as terras poderão viver livres do temor e da privação;

"Sétimo, essa paz permitirá a todos os homens cruzar livremente os mares e oceanos;



O mais recente retrato do Almirante Chester Nimitz, comandante da frota do Pacífico.

"Oitavo, acreditam que tôdas as nações do mundo, por motivos realistas bem como espirituais, deverão abandonar o emprego da força.

Visto como não se poderá manter a paz futura, si continuarem a empregar armamentos de terra, mar ou ar as nações que ameaçam, ou que poderão ameaçar de agressão fora de suas respectivas fronteiras, e acreditam também que, enquanto não se estabeleça um sistema amplo e permanente de segurança geral, é essencial desarmar tais nações. Eles também prestarão auxílio e estímulo a tôdas as demais medidas possíveis que hajam de aliviar para os povos amantes da paz o fardo pesado dos armamentos".

Ai, nesses oito pontos subscritos por três quartos dos povos do mundo, acha-se a esperança da humanidade.

A promessa de liberdade e justiça das Nações Unidas já está sendo posta em prática, assim como a tirania e escravidão da "nova ordem" nazista, está sendo posta em prática nos territórios conquistados. Veja-se o exemplo no continente americano, na família das Repúblicas Americanas.

Na reunião consultiva de emergência dos Ministros de Exterior americanos, convocada imediatamente após o traiçoeiro ataque do Japão a Pearl Harbor, reforçaram-se enormemente os laços econômicos e morais das 21 Repúblicas.

Que oferece, no outro lado, a "nova ordem" dos nazistas e japoneses, como promessa para o mundo? Eles já proporcionaram indicações prévias — com horrorosa brutalidade medieval.



Dom Ricardo Downey, Arcebispo de Liverpool.

A "nova ordem" nazista e a "esfera de co-prosperidade" japonesa, significam um mundo próspero, mas unicamente para os alemães e japoneses, para mais ninguém, nem mesmo os amigos do momento de Hitler ou de Togo. Os territórios conquistados da Europa e Ásia oferecem um testemunho mudo e trágico de credo nazi-japonês.

Onde estão as Quatro Liberdades — a liberdade de adorar a Deus, a liberdade da palavra, a liberdade para subsistir sem privações, e a liberdade para viver sem temor? A "nova ordem" de Hitler, tal como a "esfera de co-prosperidade" do Japão, tem apenas um verdadeiro propósito, o fazer toda nação, cada indivíduo, tudo, enfim, dentro dessa nação, completamente subserviente à Alemanha e ao Japão.

Assim fala Hitler, das páginas de "Mein Kampf": "A ideia de pacifismo e humanidade pode ser muito boa, depois que a raça suprema (a alemã) tiver conquistado e subjugado o mundo".

Eis aqui Hitler falando novamente: "Uma raça inferior necessita de menos alimentação e menos cultura do que uma raça superior. E quais são as raças inferiores? Todas, excepto a alemã, naturalmente.

Na Polónia, Hitler e sua "nova ordem" têm cometido os piores crimes que o mundo já viu, mesmo em suas eras mais denegridas. Havendo destruído cidades e lares poloneses, e havendo decretado serem os poloneses um povo inferior, indigno até de ser escravo, ele tem tentado fazê-los viver uma existência sobrehumana.

Um aviso afixado pelos nazistas nas paredes da vila polonesa de Torun, reza:

MENSAGEIRO N. S. MENINA

"Poloneses de ambos os sexos, as ruas pertencem aos vencedores e não aos vencidos... Mulheres polonesas que se dirigem aos Volksdeutsche (alemães) ou os insultem, serão enviadas para as casas de prostituição".

Os mesmos trágicos episódios chegam de outros países sob a pressão dos dominadores nazistas, da Tchecoslováquia, Austria, Bélgica, Holanda, Noruega. O Japão não tem sido mais humano na China, Mandchúria, Coréia e outras áreas conquistadas.

Hitler não tem a menor intenção de confinar o seu terror à Europa, si ele puder estendê-lo através do oceano.

"A América está constantemente à beira de revoluções", afirma ele. "Será muito simples para mim provocar revoltas e desassossego, para que essa gente tenha com que se ocupar".

A fome é geral na Hungria, na România e na intimidada e humilhada Itália. Os italianos são forçados até a fornecer mão de obra escrava para Hitler. Uma recente rádio-difusão alemã revelou que a Itália — por ordem de Hitler — enviou para a Alemanha 300.000 operários em 1941, dos quais oito por cento eram mulheres, e esta cifra deverá breve atingir a 400.000.

Segundo Hitler, os vencidos terão apenas um mercado exterior: a Alemanha. E esta determina os preços que pagar e as condições de pagamento.

Econômica e financeiramente, a "colaboração" com a "nova ordem" de Hitler é suicídio. Veja-se a Tchecoslováquia e França. Mediante astuta e às vezes tósca e brutal prestidigitação, os nazistas têm forçado os povos conquistados a pagar com o seu próprio dinheiro o custo da sua própria subjugação!

Eis aqui o que Hitler confessa em seu "Mein Kampf", ser o plano de "extorsão":

"Um vitorioso inteligente apresentará, sempre que possível, suas exigências ao vencido, em prestações. Estará assim certo de que uma nação que perdeu o caráter — e tal é o caso de todas que se submetem voluntariamente — não mais encontrará razão alguma, em cada uma das opressões parciais, para pegar em armas outra vez. Quanto mais extorsões forem aceitas de bom grado, mais injustificado parece ao povo começar a defender-se contra alguma nova opressão, aparentemente isolada, mas em realidade constantemente repetida, especialmente si, considerando-se todo o conjunto, já suportou silenciosa e tolerantemente maiores infortúnios sem reagir".

Com essas palavras, Hitler disse, pelo menos uma vez, a verdade, ao descrever o conflito entre a liberdade e a escravidão — um mundo livre e um mundo escravizado. Os americanos estão convencidos de que, desta vez, como sempre, há-de verificar-se o triunfo da liberdade.



"TAPETES"

Lava-se e concerta-se de toda qualidade. Compra-se, vende-se de segunda mão de todas as medidas

GEORGE MOLDOVANYI
RUA SANTO AMARO, 144
Telefone 25-8030

Os católicos ingleses sentem orgulho da sua imprensa

A Imprensa Católica Inglesa celebrou, em 1940, o primeiro centenário da sua grande revista hebdomadária THE TABLET. Quatro anos antes, era a revista DUBLIN REVIEW, dirigida pelo grande filósofo CRISTOPHER DAWSON, tinha essa grande honra. Era o Cristo penetrando nos lares, nas fábricas, nos centros operários, nos quartéis, nos arsenais, nos ministérios, nos palácios régios, arrebanhando almas para a mansão dos justos, nesse apostolado nobre da pena, conversando com Deus para Deus se dar às almas. Era a figura desses grandes Cardiais Wisemann, Vaughan e Manning, penetrando em todos os cantos da Grã-Bretanha, evangelizando, doutrinando e a todos contando as maravilhas e as riquezas escondidas no Coração de Jesus em Belém e Nazaré, e tornadas patentes ao mundo, quando Cristo começou a manifestar a sua divindade com os milagres que operava, e na sua paixão e morte.

Nos nossos dias a Imprensa Católica Inglesa apresenta-se com um Douglas Woodruff, Diretor do The Tablet, Hilaire Belloc, Christopher Hollis, T. F. Burnes, F. W. Chamber, Bárbara Ward, Evelyn Waugh. Destacam-se pelo seu caráter polemista na tribuna e na pena, George Barnard, Diretor do The Universe, e os ilustres Monsenhores Ronald Knox e Arnold Lunn, dois grandes sacerdotes convertidos.

E quem não conhece a revista mensal, dirigida pelos Padres Jesuítas, The Month, fundada em 1864?

O ano passado, ao completar seus OITENTA ANOS de existência, o The Universe, intrépido, polêmico, cheio de informações no seu noticiário ex-

clusivamente católico, com abundância de ilustração, PODE GLORIAR-SE DE SUA TIRAGEM SEMANAL de 136.000 exemplares!

Breve, o Catholic Herald, semanário de grande formato, doutrinário, trazendo sempre a solução de problemas sociais e políticos, com comentários nacionais e internacionais, com grande simpatia nos meios operários, completará seus SESSENTA anos de lutas. A sua tiragem, desde 1936, é de CINCOENTA MIL EXEMPLARES!

O The Catholic Times, semanário, com SETENTA anos de existência, tem sua vida consagrada às classes operárias, apontando reformas sociais e penetrando bem fundo nas massas do público inglês.

Tem ainda a Inglaterra as excelentes revistas: Blackfriars, dirigida pelos Padres Dominicanos, e The Clergy Review, ambas mensais e editadas em Londres, e numerosos periódicos locais, boletins diocesanos e paroquiais, revistas colegiais e etc.

Considerando que a população católica da Grã-Bretanha, segundo as últimas estatísticas é de TRES MILHÕES DE ALMAS, resulta altamente satisfatório para o episcopado inglês o desenvolvimento da Imprensa Católica nesse país, sob os diversos aspectos: parte informativa e noticiosa, apologética, divulgação doutrinária e do pensamento católico contemporâneo sobre todos os problemas espirituais e sociais do mundo.

A guerra, longe de paralisar esse movimento, veio aumentar a tiragem de vários periódicos, para que se mantenha firme a fé entre a mocidade católica, que cumpre o seu dever patriótico na defesa da civilização cristã da sua terra, instituindo o The Universe o "fundo para os soldados", conseguindo que sejam enviados gratuitamente milhares de exemplares aos soldados das diversas categorias.

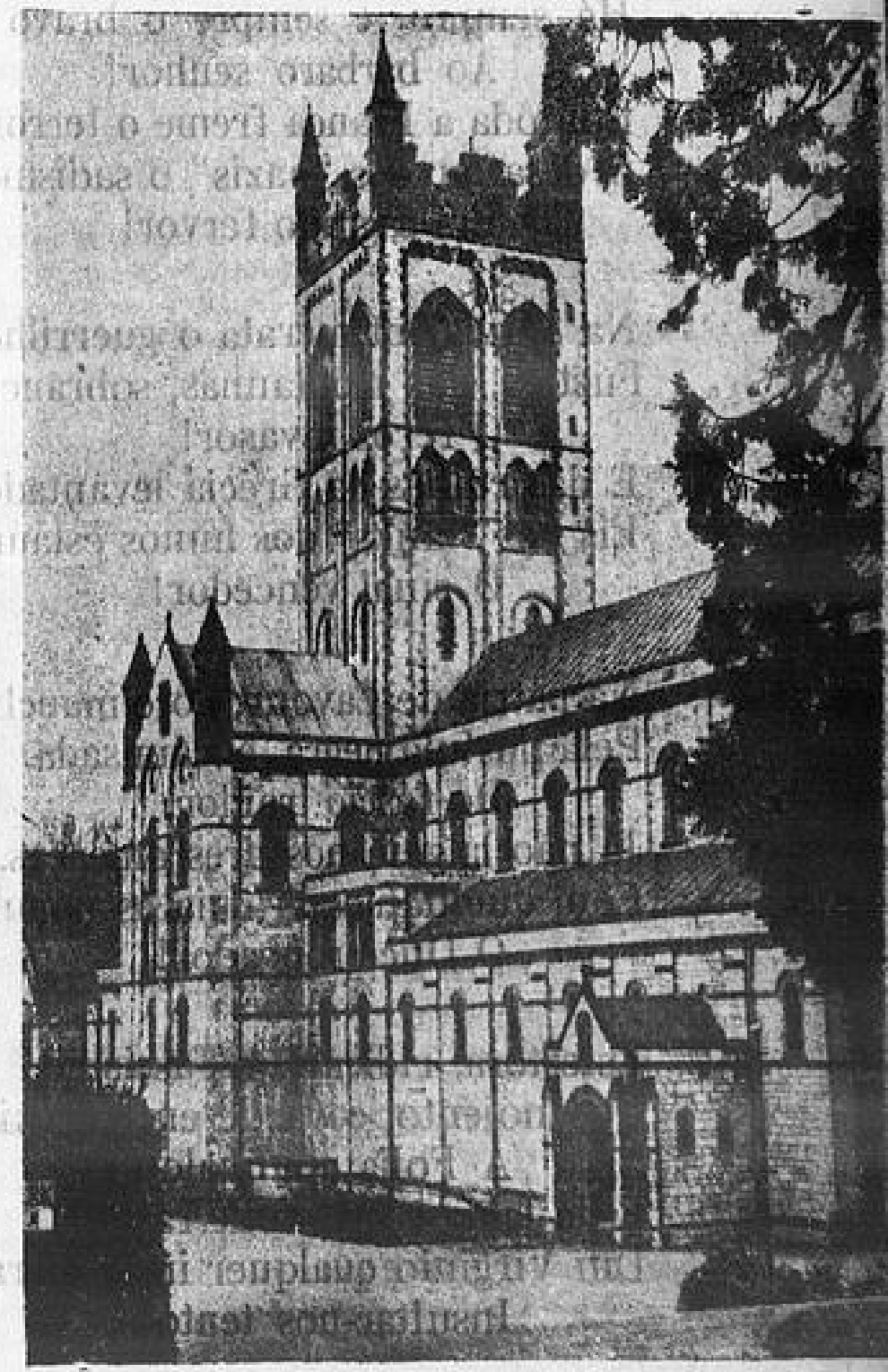
A divisa é esta: TUDO POR DEUS e TUDO PELA PÁTRIA, para que, salva a GRÃ-BRETANHA, triunfem os princípios da CIVILIZAÇÃO CRISTÃ.



Abadia de Downside.



Procissão das "SANTAS RELIQUIAS", saindo da Abadia de Buckfast.



Abadia de Buckfast.

"VITÓRIA"

NILO DA SILVEIRA WERNECK

Já se podem sentir, perto, vibrantes,
Os clarins redentores triunfantes
Sobre as hordas do mal!
Da Europa gemente, escravizada,
Se avizinha, radioso, d'alvorada
O esperado fanal!

A treva, o despotismo, a prepotência
Banidos hão de ser e sem clemência,
Si o quer a humanidade!
E nos céus, hoje plúmbeos de tristeza,
Há de fulgir, em perenal grandeza,
A luz da Liberdade!

Hoje as maltas nazistas, em debanda,
Vão desprendendo a garra vil, nefanda,
Dos pagos de Tolstói!
Nas estepes sem fim, desesperada,
A canalha hitlerista, acelerada,
Inteira se destrói!

Nas terras pisoteadas da conquista
Há sempre e sempre o bravo que resista
Ao bárbaro senhor!
Em toda a França fremente o terrorismo
A desafiar dos "nazis" o sadismo,
Em sagrado fervor!

Na Sérvia intemerata o guerrilheiro
Fustiga, das montanhas, sobranceiro,
O feroz invasor!
E das ruínas da Grécia levantado,
Eis nos "tanks" dos hunos estampado
O sinal vencedor!

Na pátria de Cavour, hoje manchada
Pela pústula negra, encamisada,
Do fâscio traidor,
Já não rugem nos ares ameaças,
Com que dantes bramiam as populações
O Duce roncador!

Estertora, ridículo, o fascismo
Que nojento, covarde em paroxismo,
A Folia apunhalou!
E da lama servil onde rasteja
Um Virgílio qualquer inda esbraveja:
Insultar-nos tentou!

MENSAGEIRO N. S. MENINA

Covil militarista alucinado
Que, co'o vulto das presas engasgado,
Tem, por fim, de parar,
Começa a declinar no Oriente a sanha
Do Japão, bandoleiro que a Alemanha
Poude á luta lançar!

A Tóquio já chegou, inda há bem pouco,
E deixou a tremer, num pavor louco,
O próprio Imperador,
Pequena amostra do fatal castigo
Que, em breve, há de trazer ao inimigo
O último estertor!

Avulta a fôrça das Nações Unidas
Que o pó farão morder, já sucumbidas,
As feras d'agressão!
Eis que, a todo poder, o Novo Mundo
Faz sentir na contenda em tom profundo
Seu valor e ação!

Esmagada há de ser toda essa laia
Que matou brasileiros na tocaia,
De noite, á traição!
E nas rotas sem fim dos sete mares,
Já no mundo liberto de penares,
Nossos barcos irão!...

Mantende acesa, ó povos oprimidos,
A flama da esperança, que os bandidos
Hão de os crimes pagar!
E no mundo vindouro — eis a verdade! —
A Justiça, o Direito, a Liberdade
Voltarão a reinar!

Como Cripps falou no Parlamento,
Surgirá na História novo evento,
De amor universal!
Não mais a fome ao lado d'abastança!
Há de ser para todos a bonança
Da Era Fraternal!



Aspecto tomado durante a visita da Missão Militar Chilena ao Estado Maior do Exército.

Para que todo o Brasil Saiba...

Resenha dos fatos mais importantes — NOSSO COMENTÁRIO

Bodas de Ouro da Diocese de Niterói

Foi a 27 de Abril de 1892 que S. Santidade o Papa Leão XIII, de saudosa memória, pela Bula "Ad universas Orbis Ecclesias", criava a Diocese de Niterói, desmembrando-a do Rio de Janeiro.

S. Ex. Revma. o Sr. Dom José Pereira Alves, preparando o seu clero e povo para as festas, deu publicidade a uma formosa e oportuna Carta Pastoral, em que faz resplandecer os benefícios divinos advindos com o magnânimo ato pontifício, caindo sua alma episcopal diante do Deus Ótimo e Máximo para tributar suas ações de graça de Pastor da Diocese e incitando á família fluminense a que faça o mesmo.

S. Ex. Revma. termina esse documento, que muito o honra, com a seguinte proclamação: A-pesar das circunstâncias de vós conhecidas, referentes á nossa saúde e a saúde de queridos e valiosos cooperadores do governo episcopal, confiado no Divino Coração Eucarístico e na gloriosa Padroeira desta Diocese, Nossa Senhora Auxiliadora, resolvemos promover uma solene comemoração Eucarística desses faustos acontecimentos, no próximo mês de Agosto. Não é necessário que vos dirija a todos vós, sacerdotes, fiéis, homens de boa vontade, um veemente apelo no sentido de dardes o vosso apoio integral ás nossas comemorações jubilares. Seria quasi duvidar do vosso espírito religioso, da vossa honra católica, do vosso pundonor cívico-religioso e do vosso amor nunca desmentido ás vossas tradições, á vossa história, á generosa e grande Terra Fluminense. Vamos entregar, pois, á fé e ao coração da Família Fluminense o programa que vos será oportunamente comunicado. Enquanto os sinos da vossa Catedral, das vossas cidades e das vossas ermidas mais distantes, anunciarem em festivo repique o Congresso Eucarístico Diocesano, comemorativo do áureo jubileu, e da consagração da Diocese, das Paróquias, das nossas Famílias ao Coração Imaculado da SS. Virgem Maria, estamos certos de que todos esses ecos festivos, por montanhas e vales, terão feliz ressonância no coração sempre dóce e profundamente generoso e cristão e historicamente católico de nosso bem amado rebanho em terras fluminenses".

SANEAMENTO DO AMAZONAS

Foi assinado, no dia 17 de Julho, no Itamarati, contrato entre o governo dos Estados Unidos e o nosso, para saneamento do grande vale amazônico.

Quando o ministro da Fazenda, sr. Souza Costa, esteve em março passado em Washington, negociou os termos do acordo que agora vai entrar em vigor. Trata-se de um empreendimento da maior importância, não somente para o Brasil, como ainda para os países condôminos da bacia do Amazonas e todos os outros que poderão receber mais tarde, através da imensa produção do vale, os benefícios dessa política. Cumpre-se dessa forma uma das promessas do presidente Vargas, ao visitar há um ano e meio, Belém do Pará e Manaus.

Pela primeira vez, fazemos alguma coisa de concreto no sentido de resolver o problema fundamental do Amazonas. Sem o saneamento da terra, seria praticamente impossível e sempre extremamente penoso intentar a execução de um largo plano de aproveitamento econômico do vale.

Sabe-se o que representa o Amazonas, na atual emergência, para os povos do Novo Mundo. Está ali o berço da borracha, matéria prima essencialíssima á guerra, e que não pode ser mais adquirida no Oriente, depois que as Índias Neerlandesas e a Maláia caíram em mãos dos japoneses.

Poderemos tirar dos seringais amazônicos uma quantidade apreciável de hevea e dessa forma acudir a uma das necessidades supremas das nações democráticas em guerra. Esse é somente um dos aspectos da obra que vai ser começada por uma inteligente e fecunda colaboração entre o Brasil e os Estados Unidos.

O vale amazônico tem sido objeto, do espanto dos sábios e economistas que o visitam. Dizem todos que ali está um celeiro da humanidade, tudo dependendo do trabalho do homem e de condições favoráveis criadas por ele para o desenvolvimento das atividades agrícolas e industriais. E' o que vamos fazer agora,



É assinado no Itamarati o contrato do saneamento do vale do Amazonas. O Ministro Oswaldo Aranha aperta a mão do Embaixador Caffery.

abrindo para o Brasil infinitas perspectivas de grandeza e enriquecimento.

No seu acervo de serviços prestados ao país, o sr. Getúlio Vargas acrescenta agora um dos maiores. O saneamento do Amazonas feito com a técnica americana, já experimentada na obra formidável de saneamento da zona do Canal de Panamá, será uma das grades conquistas da humanidade.

A política de solidariedade panamericana acaba de produzir um dos seus mais transcendentes resultados nesse contrato que se destina a criar na América mais um poderoso centro de trabalho e produção.

GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO CÍVICA DOS ESTUDANTES CONTRA O NAZISMO, NA TARDE DE 4 DE JULHO

Os estudantes levaram a efeito, a sua anunciada demonstração contra o nazismo, fascismo, imperialismo e integralismo. Foi um espetáculo confortador. Os indiferentes puderam ter uma sensação da pátria desafrontada pelo entusiasmo de sua mocidade; os descrentes receberam formal desmentido aos desolados conceitos que porventura faziam do nosso povo, e os "quintacolumnas", remanescentes do fascismo indígena, tiveram terrível impressão da forte e resoluta disposição dos jovens, em plena rua protestando contra a violência dos totalitários, que já contam



Missão Militar Chilena em visita ao General Gaspar Dutra, Ministro da Guerra.

no rol imenso de suas vítimas com numerosos brasileiros, pacíficos marinheiros de navios mercantes, apanhados de surpresa pelos corsários do Eixo. E para os que já mais descreveram das qualidades viris da nossa gente, com tantos exemplos de bravura cívica e de feitos heróicos em campos de batalha, a vibração da tarde chuvosa constituiu uma verdadeira satisfação de ordem moral.

Era necessária uma resposta aos que nos julgavam ou julgavam um povo sem consciência de seu próprio valor, um povo sem unidade de pensamento, apático diante da ameaça, e pior do que isso ferido em sua honra pelos repetidos ataques ao seu pavilhão flutuando nos navios, sem se mover num gesto de repulsa ou ensaiar um protesto que ecoasse além das fronteiras. Essa a compreensão que deu o desfile dos estudantes, e a cuja manifestação, decorrida na mais perfeita ordem, foi também uma verdadeira homenagem ao ministro Oswaldo Aranha e ao comandante Amiral Peixoto. O nosso chanceler tinha por baixo do retrato a le-



Estudantes das Escolas Superiores em crítica aos gestos e saudações ridículas dos nazis e integralistas, delirantemente ovacionados pelo povo.

genda de "Campeão da Democracia" e o interventor fluminense, ao lado do retrato, este dístico culminante: "Inimigo culminante", "Inimigo número um da sordida quinta-coluna". Também não foram esquecidos os nomes dos navios brasileiros torpedeados nem tampouco a própria juventude do nosso país, numa legenda vibrante, em que se assegurava que a mocidade estava em guarda, confiante no destino do Brasil e na ação enérgica do seu governo.

INTENSA VIBRAÇÃO

Nos intervalos de um para outro carro, os estudantes desfiliavam em grupos, ouvindo-se constantes e entusiásticos vivas ao presidente Getúlio Vargas, ao ministro Oswaldo Aranha, ao comandante Amiral Peixoto. O nome deste serviu para marcar o passo de marcha. Gritavam-lhe o primeiro nome e o coro completava com o segundo, em tom cadenciado e rápido. Centenas de bandeiras brasileiras se agitavam em todo o cortejo, imantando-se aos pavilhões dos Estados Unidos e da Grã Bretanha assim como centenas de VV, acentuavam os anseios da vitória da civilização sobre a barbárie.



O General Oscar Escudero, comandante em chefe do Exército Chileno, ofereceu, no Copacabana Palace Hotel, um banquete, do qual participaram as altas autoridades civis e militares, e figuras de projeção em nossa sociedade.

Concluindo o desfile, com o retorno ao ponto de partida, os estudantes entoaram o Hino Nacional, dando emocionante desfecho patriótico à pujante demonstração contra o nipo-nazi-fascismo.

O PREFEITO ASSISTIU O DESFILE

Em companhia de todo o secretariado da Prefeitura, o senhor Henrique Dodsworth assistiu, das sacadas do Palácio da antiga Câmara Municipal, à passeata dos estudantes. Estavam ainda presentes o comandante da Polícia Militar e o diretor do Departamento de Vigilância da Prefeitura.

Todas as emissoras irradiaram o desfile, fazendo-se ouvir aos seus microfones vários oradores em alocações cívicas, explicando a significação do protesto contra a violência e de apoio ao governo brasileiro pela sua atitude da primeira hora, solidarizando-se com os Estados Unidos e com as demais nações que lutam pela democracia e pela existência dos povos livres. Aderiu o povo todo numa solidariedade impressionante.

OS CARROS ALEGÓRICOS E DE CRÍTICAS

A Avenida ficou repleta muito antes do início da passeata. O desfile veio da praça Mauá, puxado pelas fanfarras da Polícia Militar; logo atrás, num carro aberto, estavam sobreviventes do "Arabutan", com a seu comandante Prado à frente desse pugilo de vítimas; surge, depois, o carro alegórico em homenagem ao presidente Getúlio Vargas, constituído de um grande busto do chefe do governo e de três figuras representando o Brasil, os Estados Unidos e a Inglaterra; outro carro, este porém de crítica, exibindo uma júla, com vários estudantes uniformizados de nazistas, e ostentando os dísticos — Quatro semanas... blitz-krig — Ofensiva da primavera — E o inverno continua... Carro que arrancou hilaridade da grande massa popular, que a-pesar-da chuva não arredou pé da Avenida, foi o que trazia a legenda — "Como eram verdes as galinhas de outrora". Mais três carros de crítica aparecem: num vêm-se, dentro de uma



Carro alegórico em homenagem ao Presidente da República pela sua atitude desassombrada contra os inimigos da civilização.

júla a se esmurramem (estudantes faziam o papel fantasiados) Hiroito, Hitler e Mussolini; noutro, a figura do tirano germânico toca flauta para uma serpente, que representa a Gestapo; e noutro ainda surge um animal com três cabeças. Estas são dos ditadores europeus, e do asiático. A legenda é de espírito. Diz: "Qualquer semelhança com outras pessoas não passa de mera coincidência"...

Foi uma tarde em que o carioca, nas manifestações populares contra o Eixo e os quinta-colunistas, que preparam nas nações a serem invadidas a entrada triunfante de Hitler, viveu do seu espírito de liberalismo. E, dentro daquelas críticas, estavam os estudantes em comunhão com os sentimentos populares brasileiros, apontando medidas sérias a serem tomadas pelos homens de responsabilidade no momento.

Foi uma tarde em que o carioca deu expansão aos seus sentimentos democráticos, norteando o porvir da nossa nacionalidade.

Foi uma tarde, digamos, de manifestações populares patrióticas.

INSTITUTO DE ELETRICIDADE MÉDICA
PRAÇA FLORIANO, 55 - 3.º and. - ap. 3

Tel. 42-1302

Fisioterapia, ultra violeta, ondas curtas, infravermelho, exames neuro elétricos etc.

— Das 12 às 18 horas —

O Exército homenageado pelo Embaixador Britânico

No dia 21 de Julho, o Embaixador Sir Noel Charles, representante, em nosso país, do governo de S. Majestade Britânica, ofereceu, na sede da Embaixada, um almoço ao Exército Brasileiro.

Disse Sir Noel Charles a razão da expressiva homenagem e, em nome do soldado do Brasil, agradeceu o General Goes Monteiro, chefe do Estado Maior.

Estiveram presentes as seguintes pessoas: embaixador Sir Noel Charles, ministro do Canadá, sr. Jean Desy; ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra; general Goes Monteiro, chefe do Estado Maior do Exército; general Silva Junior, general Christovão Barcellos, general Lúcio Esteves, general Silo Portella, general José Pessoa, general Pinto Guedes, Philip Broadmead, conselheiro da Embaixada Britânica; major Hughes, adido militar americano; coronel Rhodes, adido militar britânico; capitão Wilson, adido naval britânico; capitão Viscout Carlow, adido do Ar Britânico; comandante Pullen, assistente do adido naval britânico; major Mac Crimon, coronel Muriel, sr. Davies e sr. Mallett.

Discurso pronunciado pelo Embaixador Britânico

"Exmo. sr. ministro Gaspar Dutra, exmo. sr. general Goes Monteiro, meus generais e meus senhores:

Sinto-me grandemente honrado e desvanecido em recebê-los, como meus convidados, na sede da Embaixada Britânica.

Já tive o prazer de conhecer alguns dos senhores, em outras ocasiões, mas esta é a primeira vez que tenho a oportunidade de lhes dar as boas vindas, na minha própria casa.

Nove meses se passaram, desde que cheguei ao Brasil, e durante esse tempo tive inúmeras oportunidades de observar e admirar o espírito progressista do vosso grande país.

Não obstante a época difícil que estamos atravessando e que me obriga a permanecer constantemente no Rio de Janeiro, tem-me sido possível tomar alguns dias para visitar S. Paulo, Campinas, Santos, com o seu grande porto, e, também, o Estado de Minas Gerais, do qual voltei, há poucos dias.

Em toda a parte, onde tenho estado, fui sempre acolhido com simpatia e hospitalidade, recebendo sempre grandes provas de apoio à causa pela qual lutamos.

A presente luta, que é uma luta pelas liberdades da humanidade, será necessariamente longa, porque toda a transformação radical requer paciência e afincos.

Temos nossos sucessos e temos nossos revezes. Porém, quanto à causa das nações unidas — esta causa pela qual o vosso grande país e o vosso grande Exército, chefiado pelo sr. ministro da Guerra e pelo sr. general Goes Monteiro e os demais generais aqui presentes, vêm demonstrando tanta simpatia — não poderá haver dúvida alguma.

Os laços de amizade têm unido os nossos dois países durante muitos anos.

Elevo a minha taça num brinde a esta grande amizade".

RESPOSTA DO GENERAL GOES MONTEIRO

"Encarregado pelo senhor general ministro da Guerra de responder a Vossa Excelência e às palavras tão generosas para com o Brasil e seu Exército, em nome do senhor ministro, dos generais chefes aqui presentes e no meu próprio, não sei como testemunhar meu contentamento ante prova, tão excepcional e tão extraordinária, que tanto nos honra e desvanece, vinda, como veio, da parte do alto representante de Sua Majestade Britânica, em relação à nossa pátria e ao sodalício a que pertencemos.

Embora saiba que todos aqui compreendem o nosso idioma, vou falar pausadamente para que as minhas asserções possam ser interpretadas em seu verdadeiro sentido.

Aostumamo-nos, desde os tempos em que Júlio César com suas legiões penetrou aquelas ilhas da distante Thule, onde nasceu Vossa Excelência, e que, àquela época, não eram mais do que uma expressão geográfica a conquistar, e depois se transformaram numa poderosa máquina propulsora de civilização humana, acostumamo-nos, senhor embaixador, a ler com admiração a história do seu desenvolvimento e do seu progresso, da sua expansão por todas as partes do globo, levando as realizações de sua admirável experiência social a todos os cantos onde foi necessário e útil serem levadas.

Aostumamo-nos a verificar os erros e acertos de sua evolução política, as virtudes e as falhas com que a Grã Bretanha conduziu sua ação civilizadora, e podemos hoje concluir que na equação dos valores positivos e negativos, inerentes a toda obra humana, por mais feliz, ela soube imprimir à sua contribuição no progresso do mundo um sentido tão digno quanto possível.



O Dr. Marcondes Filho, quando se empossava no Ministério da Justiça.

Por isso mesmo é que, rememorando os gloriosos anais do povo inglês, podemos reconhecer o quanto de bem têm fornecido à humanidade até a idade contemporânea.

A essa luz, no momento atual, de tão aguda gravidade, podemos avaliar a magnitude do esforço britânico, em solidariedade com todo o mundo, para conservar-lhe os direitos inalienáveis e inarrecíveis de viver, isto é, de sermos cada povo dirigentes e diretores de nossos próprios destinos.

Deste postulado básico decorre a posição do Brasil na atual conjuntura.

Compreendemos a tremenda provação a que está sendo submetida a comunidade das nações de língua inglesa e anelamos para a nova estrutura, que o mundo venha a apresentar, a vitória de um princípio diretor identificado e solidário com a concepção evolvida do Império Britânico, que tem sempre e crescentemente reconhecido a necessidade de cada povo sobreviver sem os preconceitos de raça, de religião e de regimes políticos.

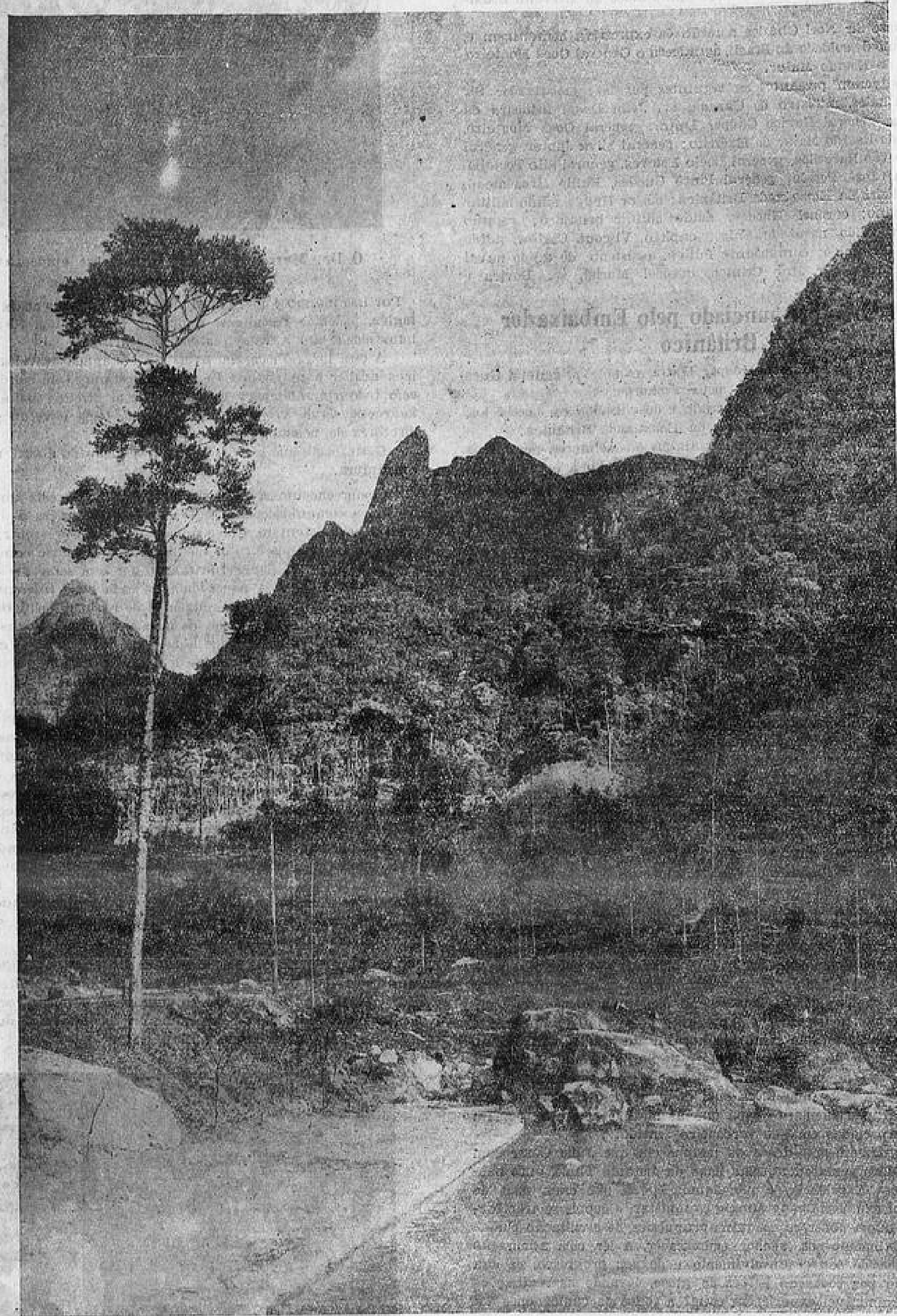
A essa conta formulamos os nossos votos concientes de que cada um deles reconheça que aquele sentido é o único capaz de conduzir a uma paz permanente e a um futuro em que o pensamento criador não seja imobilizado ou estrangulado.

Com o pensamento em tantas páginas da trajetória gloriosa da Grã Bretanha, celebrada pelos seus próprios inimigos e através de cujas vicissitudes se desenvolveu a trama de uma evolução ascensional e continuada, no sentido do bem humano e da valorização dos direitos universais regedores dos povos e sociedades, nós, os chefes militares do Exército Brasileiro, levantamos taças, esperando que todas as nações lhe reconheçam tão enaltecedor apanágio histórico e cooperem na consecução do seu objetivo de dar ao mundo, segundo as suas necessidades, um novo equilíbrio e modelar, uma nova esfera de ação susceptível de produzir, com uma solidariedade integral entre todos, grandes e pequenos a maior soma de felicidade para a humanidade flagelada, dentro de cujo seio a comunidade britânica tem sido um exemplo digno de imitar.

Ao representante de Sua Majestade Britânica, que nos honra de maneira tão desvanecedora, nós, os chefes do Exército Brasileiro, desejamos, desta forma, testemunhar o nosso reconhecimento muito profundo e empenhar-lhe os protestos do nosso apreço, estima e mais alta admiração".



Posse do novo Chefe de Polícia. E cumprimentado pelo Ministro da Justiça.



Um trecho da Serra de Teresópolis

De um mês a outro

Resenha da guerra e dos acontecimentos internacionais



Na praia de S. Luzia, inauguração do novo pedestal da Estátua da Amizade Americana, oferecido pelos Estados Unidos ao Brasil.

Estados Unidos

A FRENTE DE BATALHA INDUSTRIAL —

"A produção para a guerra é baseada no esforço de homens e mulheres — em mãos e cérebros que coletivamente chamamos Trabalho. Nossos operários encontram-se prontos para trabalhar longas horas; para produzir mais por dia de trabalho; para manter suas máquinas em funcionamento contínuo, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Eles compreendem perfeitamente que da rapidez e eficiência do seu trabalho depende a vida de seus filhos e irmãos nas frentes de batalha."

Assim falou o Presidente Franklin D. Roosevelt em seu discurso de 6 de Janeiro, a respeito da situação nacional. Hoje, a nação assiste a uma demonstração sem precedente na sua história, comprovante do patriotismo, eficiência e espírito de sacrifício do seu elemento trabalhista. A classe operária não somente renunciou enquanto durar a guerra, a muitas de suas prerrogativas conquistadas com tremendo esforço, mas por meio de suas entidades representativas tem contribuído significativamente para o plano e execução do programa de armamentos.

No seio do operariado existe um vasto reservatório de conhecimentos práticos acerca de produção. Em tempos normais, esse reservatório talvez continuasse em desuso; mas sob a emergência de produção total para a guerra, o Trabalho está reunindo suas capacidades mentais às dos dirigentes da indústria para conseguir-se o máximo da produção desejada.

Por sugestão do Presidente Roosevelt, vultuoso Programa de Produção para a Vitória está em andamento nas indústrias bélicas, a-fim de desenvolver ao máximo a produção em tudo quanto é mina, fábrica, fundição e oficina do país. E', naturalmente, um esforço essencialmente de cooperação entre direção e trabalho, esforço conjugado de várias comissões mistas que têm a seu cargo verificar e remediar delongas, fazer sugestões e animar, enfim, o prosseguimento dos trabalhos de maneira contínua e proveitosa. Em menos de um mês, após a divul-

gação do programa, centenas dessas comissões mistas achavam-se formadas em inúmeras fábricas, e em Washington começava-se a receber constantes informes acerca da sua utilidade.

Com o estímulo da cooperação mais íntima entre empregados e empregadores, sentiu-se imediatamente o desenvolvimento da produção em todas as partes do país. Verificando-se os dados respectivos, desde o trágico ataque japonês aos Estados Unidos, em 7 de Dezembro de 1941, tem-se a prova do generalizado esforço trabalhista. Poucos minutos depois de saber-se do assalto a Hawaii, chefes de várias uniões e associações operárias hipotecavam ao governo em Washington, a sua incondicional solidariedade com o objetivo de ativar a preparação bélica a todo custo. Essa solidariedade manifestava-se também de parte de chefes de centenas de sindicatos independentes filiados às duas grandes organizações trabalhistas americanas.



O Embaixador Jefferson Caffery, falando na inauguração do pedestal da Estátua da Amizade Americana.

Dirigentes do trabalho organizado, que haviam antes de 7 de Dezembro se oposto a certos aspectos da política interna e externa do governo, não hesitaram em aderir à idéia de absoluta colaboração marcada pela conferência de paz no setor trabalhista, convocada pelo Presidente Roosevelt a 18 de Dezembro. Dessa reunião mista entre empregados e patrões surgiram medidas fundamentais para um acordo industrial como nunca havia sido antes alcançado no país.

As garantias assumidas perante a nação pelos chefes trabalhistas têm sido mantidas e até excedidas pelos trabalhadores que eles representam. Logo de início, o Trabalho renunciou espontaneamente à sua mais potente arma de legítima defesa econômica — o direito de greve. E as greves, com raras e esporádicas exceções, têm cessado. Em contraste com o conflito industrial que predominava durante a primeira guerra mundial, desta vez, as horas de produção perdidas desde 7 de Dezembro, têm descido ao seu nível mais baixo, mesmo após haverem os tribunais do país reconhecido o direito de greve. Hoje, as diferenças de opinião e as irritações que inevitavelmente surgem no intercuro industrial são submetidas ao arbi-

tramento, resultando daí prosseguir a produção sem solução de continuidade, enquanto se atende aos detalhes da questão em apreço de maneira efetiva e imparcial.

O Trabalho não desistiu apenas do seu direito de greve enquanto durar a guerra. Seus elementos têm feito patrióticas contribuições, tais como a de abrir mão de seu direito ao salário dobrado em domingos e feriados. Esta prerrogativa foi incluída em quase todos os contratos firmados durante os últimos anos. E agindo dessa maneira, a bem da solidariedade e igualdade nacional em matéria de sacrifícios, o trabalho organizado nos Estados Unidos desiste assim de considerável soma em dinheiro. A única estipulação feita com relação a essa oferta, foi a de que ninguém deveria aproveitar-se dessa vantagem, e que das importâncias resultantes de tal economia fosse beneficiário apenas o governo federal, como contribuição para o esforço bélico.

O espírito de patriotismo, colaboração e energia que anima o trabalhador nos Estados Unidos revela a sua perfeita compreensão da natureza do fascismo e da guerra que o país agora enfrenta. Nenhum outro núcleo da população americana melhor aprecia o contraste entre a vida livre e a restritiva e sangüinária filosofia fascista. O trabalhador livre tem desaparecido sob essa filosofia. Aquêles que constituem o Trabalho nos Estados Unidos, cada vez mais compreendem o valor de sua liberdade e se esforçam para conservá-la sob os mesmos princípios básicos que lhes facilitam ampla adaptação às necessidades impostas pelo progresso do país. Agora, em que a ação das forças combatentes tanto depende da atividade industrial, o operário americano apreendendo perfeitamente o alcance da emergência, está contribuindo em todos os sentidos para prover a nação com as armas que lhe darão a certeza da vitória. É uma contribuição de homens livres, e por isso tem muito maior significação.

TRABALHANDO OS HOMENS — Como é possível os Estados Unidos enfrentarem as exigências de sua produção de guerra, quando seus operários são chamados para as linhas de frente? A resposta encontra-se, em grande parte, no fato de existirem mulheres que poderão este ano, o ano que vem e todos os anos trabalhar como operárias até alcançar-se a vitória. A proporção que a indústria toma maior impulso, maior é o número de mulheres que assumem o trabalho nas fábricas.

De uma estimativa de cinco milhões de operários na produção bélica durante os últimos meses de 1941, constavam ... 450.000 mulheres, segundo o Bureau de Estatística do Trabalho. Desde então, a proporção de mulheres operárias tem crescido rapidamente. Centenares de ocupações antes inacessíveis às mulheres, estão agora sendo exercidas por elas, por isso que das experiências feitas com operárias constatou-se serem as mulheres, em muitos casos, superiores aos homens, quanto à sua capacidade e rapidez para aprender.

Nas grandes fábricas de artefatos de borracha de Akron, que estão produzindo conteúdos de segurança para gasolina, belões para barragens, sacos flutuantes para aviões, e destinados a acidentes no mar, encontram-se mulheres ativas em mínimos detalhes, como por exemplo, as que se referem a máscaras contra gases, nas quais o menor defeito poderá causar a morte de quem as usar. Nas fábricas de motores de avião, as mulheres estão sendo indispensáveis para as 50.000 inspeções necessárias ao acabamento de um motor de 2.000 CV. Em indústrias que se dedicam à manufatura de delicados instrumentos elétricos para a marinha e aviação, é francamente reconhecida a superioridade da mulher para montagens de peças pequeninas e complicadas.

O visitante que conseguisse um passe para percorrer uma das fábricas rigorosamente guardadas, de bombardeiros em mergulho, aviões de caça e escoteiros, ora em produção para a marinha, veria centenas de mulheres de macacão azul, trabalhando. A elas está confiada a importantíssima tarefa de entelar as asas e superfícies dos controles dos aviões em construção. Elas cortam a tela, distendem as partes necessárias sobre a armação de alumínio das asas e dos controles, costurando-as hábil e rapidamente em seus respectivos lugares.

Suas longas agulhas curvas agitam-se com precisão, num trabalho que tem de ser perfeito. Nos pequeninos pontos haverá uma pressão de 600 libras por pé quadrado quando um bombardeiro arrancar do seu mergulho a 450 kms. por hora.

Noutras fábricas de aviões, cresce também o número de mulheres que estão cuidando de vários serviços que antes estavam a cargo de homens. Operárias aos milhares estão se familiarizando com inúmeros trabalhos de oficina mecânica, desde toronar até soldar. Na indústria de aeroplanos verifica-se que apenas uma pequena percentagem das numerosas operações necessárias à fabricação de um avião não se presta para o concurso das mulheres, por simples questão de resistência física.

Em compensação, o elemento feminino tem evidenciado excelentes qualidades de observação, de agilidade e precisão sobretudo em trabalhos que tendem para a monotonia de operações. Tais qualidades estão sendo aproveitadas com grandes resultados onde quer que a mulher possa concorrer com a sua atividade.

O governo e a indústria em geral estão proporcionando todas as facilidades para o aprendizado técnico feminino, de onde saem classificadas perfeitas operárias, todas inexcedíveis em habilidade. Com o registro ordenado pelo governo, do último grupo de cidadãos, de 45 a 65 anos de idade, para possível atividade militar ou produção de guerra, encontram-se agora às ordens das autoridades militares todos os homens do país — de 18 a 65 anos. Quer dizer que aos poucos irão aumentando as funções exercidas por mulheres num total de 42 milhões, de 18 a 65 anos de idade.

As numerosas repartições do governo que se dedicam direta ou indiretamente a trabalhos relativos à guerra, já estão prontas para absorverem 65 % de pessoal feminino, desde simples serventes até diretoras de serviços.

Na indústria de guerra o total de operárias trabalhando em todos os ramos de atividade já é considerável, facilitando assim a instrução, por mulheres, de milhões de outras que forem sendo necessárias para prosseguir os trabalhos, substituindo os homens que forem sendo chamados para atender a outros mistérios mais exclusivos do sexo, sobretudo os que se referem a função de combatentes ou de serviços auxiliares junto às forças em combate.

Até que limite irá a absorção do elemento feminino, depende de dois fatores essenciais: o desenvolvimento em proporções prodigiosas do esforço para a produção bélica, e o tempo de duração da guerra. Mas seja como for, é evidente que o país encontra-se perfeitamente conciente da necessidade de preparar-se para todas as alternativas, a fim de manter ininterrupto e crescendo sempre, o seu esforço para que nada falte àqueles que de armas em punho, e aos milhões, representam elemento primordial na luta para a vitória.

O movimento em prol da igualdade de direitos para a mulher americana, em campanha iniciada em 1848, e na qual Susan Anthony, foi batalhadora de grande proeminência, não se resumia apenas na obtenção do sufrágio eleitoral. Abrangia um vasto escopo, que, em devido tempo, daria à mulher um lugar

de destaque decorrentes de seus próprios esforços e do seu próprio mérito.

A sua presença atualmente, como parte ativa e valiosa, em todas as diversas atividades, no comércio, nas profissões, nas artes, letras, na educação, na política e na própria administração do país, tornou-a, em muitos respeitos, mais aparelhada para enfrentar seus deveres na parte que lhe cabe na direção do lar e da família e na educação de filhos.

Os direitos que lhe ficaram assegurados impuseram-lhe grandes responsabilidades, as quais tem ela enfrentado com perfeita noção de seus encargos. Sempre que a nação tem necessitado da contribuição da mulher, mesmo quando isso significa privação e sacrifício, a mulher nunca deixou de atender pressurosamente ao apelo.

Na Inglaterra, as necessidades da guerra estão pondo à prova a capacidade da mulher em extensa diversificação de trabalhos pesados. Nêles, a mulher inglesa tem revelado qualidades extraordinárias, inspirando dessarte à nação uma confiança absoluta nas potencialidades do conjunto de seu povo para fazer frente, em qualquer terreno, às exigências impostas pela determinação de vencer.



Em Sebastopol, totalmente destruída, soldado russo, em campo aberto, atira contra uma casa ocupada pelos germânicos.



Os alemães na sua retirada da Staraya Russa, abandonaram suas armas, veículos e equipamentos.

Nos Estados Unidos, não se pode ainda antever a extensão da aplicação da mulher em trabalhos de tal natureza. Mas não resta dúvida que, em sendo necessário, a sua contribuição há-de verificar-se com a mesma eficiência e dedicação que está demonstrada no seu concurso até agora.

No cenário da mobilização total, a mulher americana completa o espírito e a força indispensáveis.

LAÇOS DE AMIZADE — A América inteira enfrenta um novo destino, o destino de, unidos, lutarem seus povos contra todas as adversidades, para dar ao mundo os maiores exemplos de fraternidade, justiça e verdadeira democracia.

Com essas palavras, Ezequiel Padilla, Ministro das Relações Exteriores do México, descreveu os irrevogáveis objetivos das nações americanas que, direta ou indiretamente, encontram-se resistindo à agressão do Japão e da Alemanha.

Os conceitos do ilustre chanceler mexicano, expressos em sua recente visita aos Estados Unidos, traduzem a ampla significação do papel ora desempenhado por todas as nações americanas em face de um mundo em guerra. Direto resultado dessa significação são os íntimos laços de amizade que as unem, e o seu esforço a bem de uma causa comum.

Simultaneamente com a visita do ministro Padilla a Washington, e comprovante de completo entendimento e perfeita amizade existente entre o México e os Estados Unidos, houve a comunicação oficial de que os dois países iriam negociar acordos recíprocos comerciais. Foi, além disso, anunciada uma série de medidas econômicas que, em linhas gerais, destinam-se a facilitar determinados planos mexicanos de produção industrial de guerra em íntima colaboração com os Estados Unidos. Nas várias providências incluem-se o estabelecimento no México, de certas indústrias básicas, destacando-se a de aço, de chapas de estanho e refinaria de gasolina de alta prova. As vias férreas mexicanas serão também contempladas com melhoramentos, sobretudo quanto ao seu material rodante. Outro aspecto importante delineado é o que se refere às possibilidades da criação da indústria de construção naval no México.

Para a obtenção de prioridades para maquinismos e outros materiais fabricados nos Estados Unidos, é condição essencial que cada projeto específico contribua para o esforço bélico e para a segurança do Hemisfério Ocidental.

Os acordos agora firmados não são os primeiros a serem empreendidos entre os Estados Unidos e o México. De há anos que, em face de perigos mútuos, tem-se desenvolvido a colaboração de caráter político, econômico e militar entre as duas grandes repúblicas da América do Norte.

Em 1941 foram concluídos acordos de alta significação. Nêles ficaram ajustadas velhas questões referentes a propriedades de terras, outras relativas a propriedades petrolíferas; ajustou-se a estabilização da moeda mexicana, estabeleceu-se a compra feita diretamente ao governo mexicano pelo Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, da prata recém-minada do México; por intermédio do Banco de Exportação e Importação dos Estados Unidos, créditos foram concedidos ao governo mexicano para facilitar o acabamento da rodovia Panamericana, no trecho que passa pelo México.

Maior cooperação entre as duas repúblicas vizinhas levou-se a efeito com a criação da Comissão Mista de Defesa México-Americana, a fim de estudar os problemas relativos à defesa mútua. A comissão compõe-se de quatro membros, dois de cada país. Em regra, a comissão propõe aos seus respectivos países medidas cooperativas que, em sua opinião, devem ser adotadas.



O Almirante Sir. Perry Noble, comandante em chefe das forças aéreas e seu jovem piloto.

Pouco depois do ataque japonês a Pearl Harbour, o governo mexicano solicitou permissão para a passagem de suas tropas por território dos Estados Unidos, em trânsito para a Baixa Califórnia. Aquiescendo imediatamente ao pedido, os Estados Unidos puseram à disposição das tropas mexicanas todas as facilidades necessárias.

A decisão do governo mexicano, mandando reforçar a sua guarnição militar na Baixa Califórnia, foi outra expressiva demonstração de união de vistas por parte de uma nação do Hemisfério Ocidental, interessada por cooperar para a causa da liberdade e justiça contra forças de um insólito agressor.

Quando houve um alarme acerca da presença no golfo do México de submarino inimigo, o comandante do Forte Brown, em Brownsville, no Texas, ordenou o obscurecimento da cidade. Esta medida, entretanto, seria ineficaz se a cidade vizinha, de Matamoros, no México, permanecesse acesa. Solicitada a cooperação da autoridade militar mexicana, general Quintero, Matamoros ficou completamente às escuras enquanto durou o alarme.

Ao contrário das nações do Eixo, onde a amizade não vai além de egoísticas alianças militares, no México e nos Estados Unidos o povo compreende que a aproximação de seus respectivos países representa mais do que simples situação fronteiriça.

Ezequiel Padilla, cuja palavra ardorosa e convincente entusiasmou o histórico conclave interamericano do Rio de Janeiro, é um exemplo da força espiritual que está revelando nas Américas a grandeza magnífica do seu destino. O precláro estadista e vigoroso expositor de idéias tem acentuado com inexcusável precisão, o valor da colaboração entre as nações cujos povos



Em Rostow, um cavaleiro do exército soviético atira numa patrulha de reconhecimento do exército germânico.



Cossacos esperam na floresta, nas proximidades de Voronezh, a ordem de ataque.



Uma peça de artilharia abandonada à margem do rio Don pelas forças comandadas pelo general Von Boch.

fazem do gozo de suas liberdades razão primordial para a sua própria existência.

A íntima colaboração reinante entre o México e os Estados Unidos, fortalece a convicção de que na unidade das Américas encontra-se a base para a solução de seus problemas.



Dom Tomaz Williains, Arcebispo de Birmingham, na Inglaterra.

Animados pela mesma concepção de Liberdade, os povos americanos enfrentam o seu inevitável destino cultivando o espírito de unidade que aqui tem frutificado mais do que em qualquer outra parte do mundo. Coube ainda a Ezequiel Padilla definir essa circunstância, ao afirmar em recente discurso na União Panamericana, em Washington: "O sangue derramado pelos soldados deste continente une as bandeiras das Américas numa guerra, na qual se encontra em jogo a sobrevivência da soberania e de todas as liberdades das nações americanas".

Inglaterra

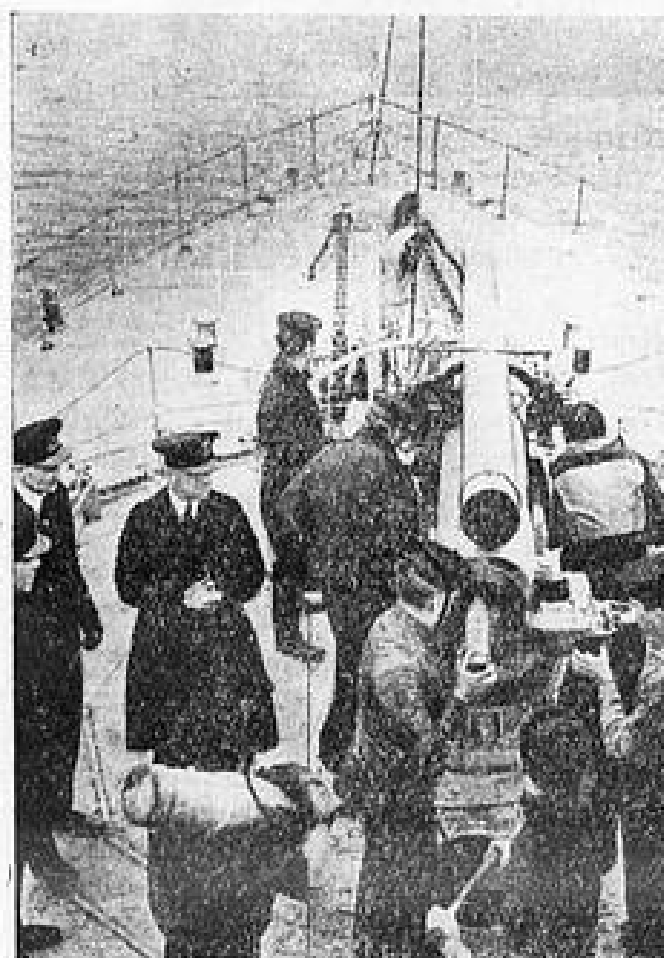
OS NORUEGUESES TRANSPORTAM OS CARBURANTES — Os valentes marinheiros noruegueses transportam cerca de 50 por cento dos abastecimentos de óleos e gasolina dos Aliados.

Os nazis mostraram toda a perícia e perfídia de que são capazes no brutal ataque que desenvolveram contra a Noruega. Mas o que os nazis talvez nunca pensassem é que a Noruega seria capaz de combater e que os seus valentes filhos continuariam a bater-se mesmo depois do seu país estar inteiramente ocupado pelas tropas alemãs e o ar dominado pela odiada Luftwaffe.

O caso da Noruega prova sem dúvida alguma que a simples conquista dum país pelo Wehrmacht não contribui de maneira nenhuma para as esperanças que os alemães têm de tirar do mundo. Toda a gente sabe que, noites e noites a fio, a Alemanha é devastada pela R.A.F., cujos ataques já são tão grandes como os ataques alemães de 1940 sobre a Grã-Bretanha e em breve os deixarão a perder de vista. Toda a gente sabe

que a poderosa Armada Real domina os mares e os submarinos, mas muito pouca gente sabe que cerca de 50 % da gasolina necessária para os aviões britânicos e perto de 50 % dos óleos que fazem andar os couraçados britânicos, são transportados pelos noruegueses. Antes da guerra a Noruega possuía a terceira frota mercante do mundo e de longe a maior frota de navios-tanques. Para cima de 80.000 "velhos lobos do mar" noruegueses tripulam esta grande frota e todos esses navios e todos esses marinheiros servem presentemente à causa da liberdade. Para compreendermos o grande esforço que isto representa temos de nos lembrar que a população total da Noruega é apenas de três milhões, ou seja muito menos da metade da população de Londres! Quando o Governo Norueguês se instalou em Londres, a tonelagem bruta da Marinha Mercante Norueguesa era de quatro milhões.

Para compreender bem a importância do navio-tanque norueguês é preciso que nos lembremos de que a Grã-Bretanha não produz petróleo e, no entanto, continuam a chegar amplos abastecimentos suficientes para fornecer à Armada Britânica que é a maior do mundo, a Real Força Aérea e as Divisões Motorizadas e Blindadas do Exército Britânico assim como dos Exércitos Aliados. Sobejam ainda tão grandes quantidades que se pode permitir que os carros particulares, assim como os caminhões e os ônibus, recebam rações suficientes de gasolina. A verdade é que, aos domingos, à tarde, as estradas que convergem para Londres e outras grandes cidades estão apinhadas de carros. Por outro lado a Alemanha que está em comunicação terrestre com os campos petrolíferos da România e da Albânia tem, como se sabe, grande falta de gasolina e tirando os carros militares e as bicicletas, as suas estradas encontram-se desertas.

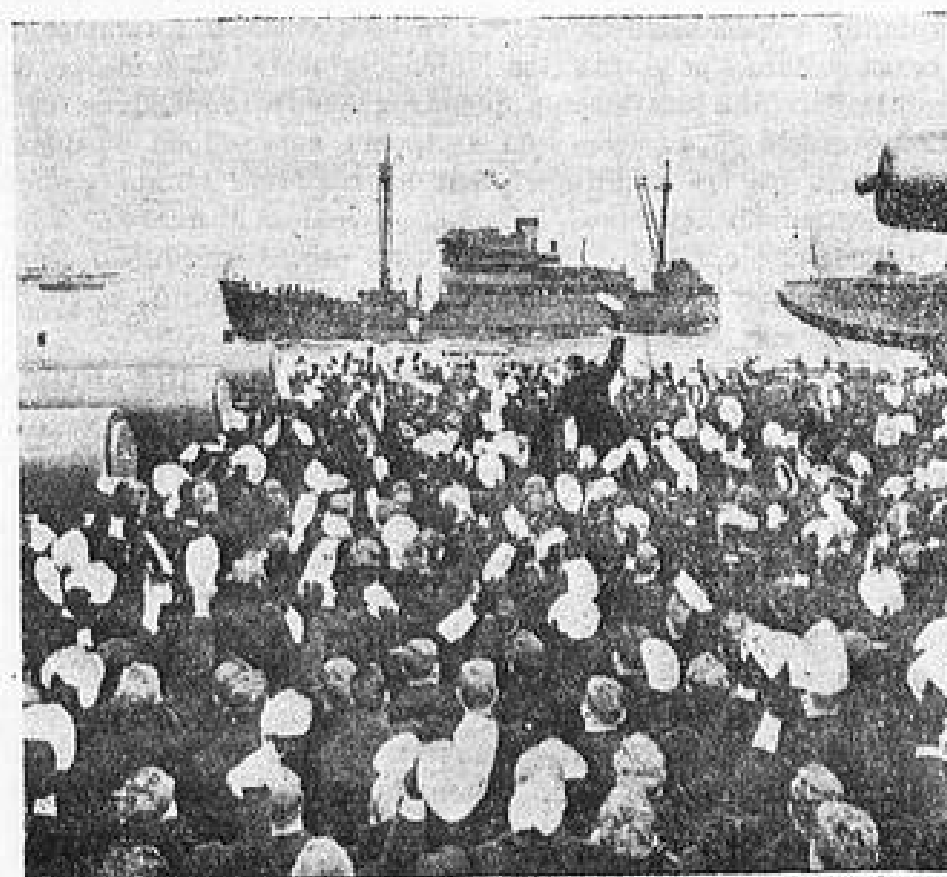


Uma corveta inglesa em patilha.

O QUE REPRESENTA O BOMBARDEAMENTO ESTRATOSFÉRICO — Ao calor do sol de Julho, num pequeno porto francês à hora do trabalho, nos estaleiros ressoa o barulho dos rebitadores e o guinchar dos guindastes. Além na doca seca vê-se o casco sinistro dum submarino alemão. Do outro lado está fundeado um cruzador ligeiro nazí; enfeitado o vapor e o fumo que lhe saem da chaminé e projetam sombra na água tranqüila. O cruzador parece que vai levantar ferro em breve e a quantidade da gente azafamada em redor do submarino parece anormal. Provavelmente aviam-se para que ele possa ir para o mar outra vez.

De volta à cidade, um Mercedes do Estado Maior da Luftwaffe, corre veloz pelo empedrado da rua sossegada. O Kommandant volta ao aeródromo para almoçar. O carro desliza pela estrada bordada de choupos que vai dar à porta principal do aeródromo. As sentinelas da Luftwaffe perflam-se em continência e o carro passa a porta principal. A passagem do Kommandant soam os tacões, a porta fecha-se e o carro é arrumado pelo motorista que se dirige para o almoço na cantina.

Na pista de asfalto do aeródromo está uma esquadrilha de Messerschmitts modernos tipo 109F e três Messerschmitts tipo 110, com a sua pintura verde brilhando ao sol, face ao vento, prontos para levantar vôo. Sobre o aeródromo cai o silêncio



Em um ponto inglês: — O rei Jorge, da Inglaterra, visita sua esquadra. Vêm-se na foto marinheiros ingleses e americanos em saudação.

da hora do almoço, quebrado apenas pelo zumbido de insectos e pelo tilintar distante dos pratos na mesa dos oficiais. A sala das operações está quasi vazia pois grande parte do pessoal está a almoçar.

Do hangar principal surgem dois vultos, caminhando des preocupadamente, de mãos nos bolsos, em direção aos aviões, com a faréa desabotada... Subitamente, param como que pregados ao chão. Acima do zumbido dos insectos e das gargalhadas que se ouvem na mesa ouve-se um gemido curioso. Aumenta! E' uma bomba que cá! "Mein Gott! é uma bomba!" Os dois homens lançam-se ao chão como que derrubados por um sopro, o gemido aumenta e — Uoon! Pausa; subitamente uma azáfama tremenda; gritam-se ordens; das portas e das cavernosas sombras dos hangars surgem homens; quebram-se pratos. Tarde demais, eis outro gemido que se começa a ouvir, desta vez mais forte: aumenta... olha são duas! Ei-las — cuidado! Uoon-Uoon! Parece que o chão vem acima e se abate outra vez. O ar enche-se dum fumo acre, chovem chapas onduladas, bocados de aviões e terra. A seguir uns momentos de silêncio e depois o crepitar sinistro do incêndio que principia. No entanto, o melhor ouvido não pode distinguir o mais leve ruído de aviões. Não tocou o alarme de forma que os motores dos Messerschmitts não chegaram a serem postos a trabalhar.

—:—

O Kommandant inspeciona os estragos. Uma atingiu em cheio o hangar principal; a outra foi cair na pista de asfalto suficientemente perto para avariar alguns dos Messerschmitts.



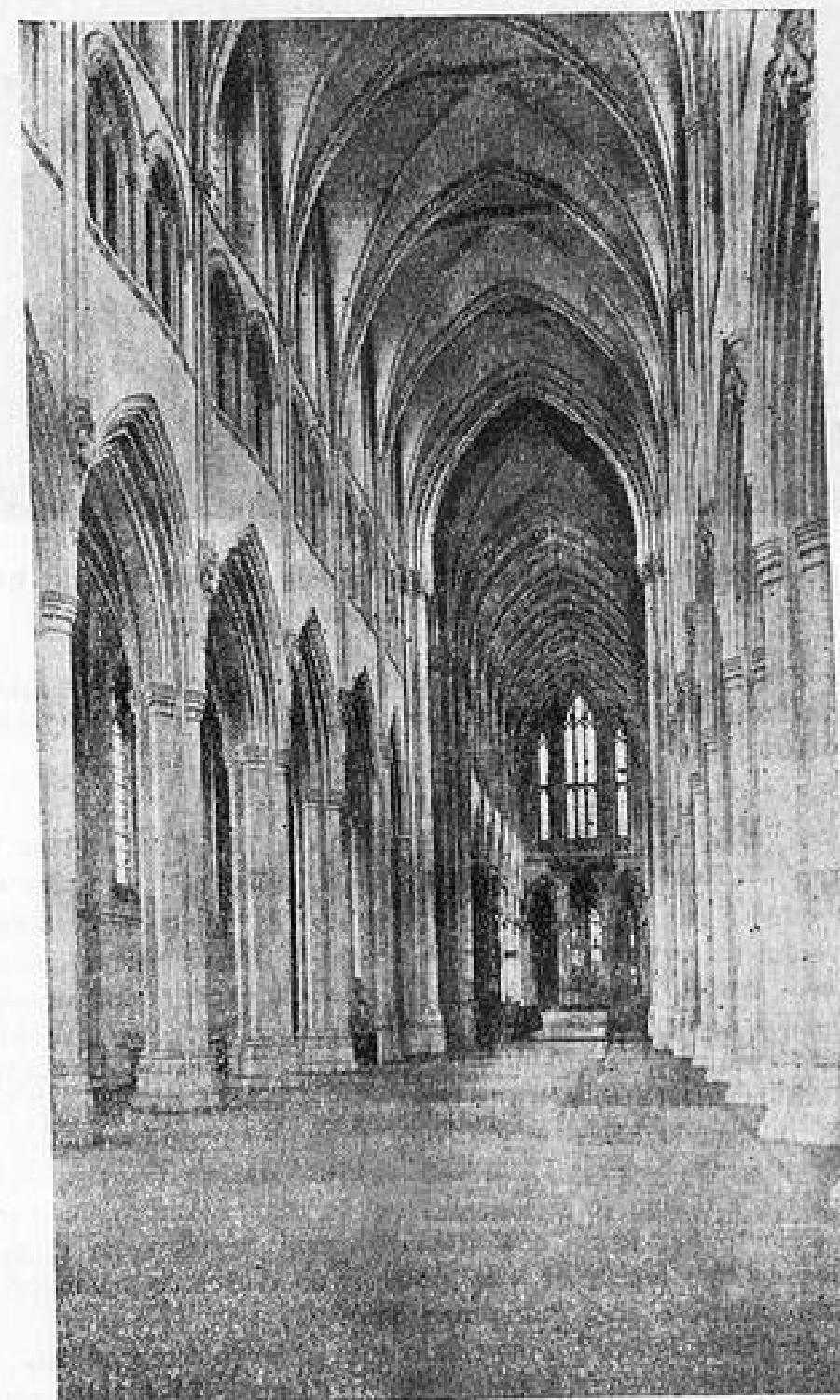
Procissão na sagração da Abadia de Downside, presidida por S. Em. Revma. o Sr. Cardial Seredi, Legado Pontificio.

O carro do Kommandant atravessa a cidade em direção às docas. O cruzador, todo tombado de lado ainda expelle fumo e vapor e o submarino parece irremediavelmente avariado.

O relatório enviado para o Q. G. da Luftwaffe dizia: "Fortalezas Volantes Boeing da R.A.F., altura cerca de 11.000 metros-inaudível-invisível-nenhum alarme de qualquer espécie."

UM GRANDE SOLDADO FRANCÊS — Poucos soldados coloniais de qualquer parte do mundo terão conquistado tanta fama como o General Collet, o grande cabo de guerra colonial francês. Verdadeiro "Lawrence da Síria", o General Collet tem servido o seu país com excepcional distinção na Síria, desde a última guerra.

Nos meios militares é muito conhecido como organizador do famoso Corpo Montado da Circássia, de que ainda é chefe. O General Collet combate agora pela França Livre, e é tão grande a devoção dos circassianos pelo seu chefe que o seguiram para território francês livre. No próprio dia em que (como Coronel Collet) recebeu ordem para se dirigir a Damasco, a fim-



Interior da Abadia de Downside.

de servir com as forças de Vichy, conduziu os seus homens na direção oposta e atravessou a fronteira da Transjordânia. O General Collet iniciou a sua brilhante carreira como oficial de infantaria na última guerra. Depois do Armistício seguiu para a Síria, onde se tem conservado desde então.

Os indígenas são muito dedicados ao General Collet e entre os próprios Drusos lhe é concedido popularmente o título de "Emir". A sua dedicação data de um notável incidente ocorrido durante a guerra contra eles realizada pelos franceses. O General Collet e os seus homens assaltavam um forte em poder dos Drusos, o qual era considerado inexpugnável. O General arremessou o seu "képi" para o meio dos Drusos e os seus homens, exaltados por este acto, lançaram-se sobre a posição inimiga e conquistaram-na. O "képi" foi mais tarde recuperado.

Menos de duas semanas antes de atravessar a fronteira da Transjordânia, o General Collet foi o inspector de manobras especiais de ensaio dos planos de Vichy para resistir a uma invasão britânica da Síria. Antes de partir, o General Collet



Dom Pedro Manuel Amigo, Bispo de Southwark, na Inglaterra.

devolveu os planos ao General Dentz. Quando mais tarde a invasão britânica da Síria se realizou os planos resultaram inúteis.

"BEAUFIGHTER" é o mais versátil avião de caça — Poucos são os pilotos da Luftwaffe nazi que têm enfrentado o fogo do formidável "Beaufighter" britânico e sobreviveram para contar a sua experiência. O Bristol "Beaufighter" é sem dúvida um dos aviões de combate mais poderosamente armados ao serviço de qualquer aviação do mundo; quando o piloto centra o avião inimigo nos seus visores, matraqueiam simultaneamente 6 metralhadoras e 4 canhões! Os pilotos que têm informado sobre o efeito de uma descarga completa do "Beaufighter" dizem que ela produz qualquer coisa como explosão e desintegração simultânea do aparelho inimigo. Tem-se dado muitos casos dos "Beaufighters" regressarem empastados de óleo inimigo e com pedaços do aviões de bombardeamento alemães encaixados nas asas.

O "Beaufighter" é equipado com dois motores radiais de resfriamento por ar; a uma altitude de mais de 4.300 metros desenvolve uma velocidade superior a 530 quilômetros á hora e tem um raio de ação de 2.400 quilômetros. Nenhum outro avião de combate no mundo é tão versátil; a Real Força Aérea empregando-o em todas as frentes, como avião de caça noturno, como "caça" diurno de longo raio de ação, protetor de comboios navais e ainda em operações contra objetivos terrestres.

Como "caças" noturnos os "Beaufighters" podem permanecer no ar mais tempo do que os aparelhos de um só motor; como "caças diurnos de longo raio de ação, a sua velocidade e a sua bateria de quatro canhões de tiro rápido permitem-lhes desmantelar aviões de bombardeamento inimigos a uma distância a que o metralhador da retaguarda do "bombardeiro" não pode ripostar, pois não se deve esquecer que o máximo alcance eficaz das pequenas granadas explosivas dos seus canhões é, para efeitos de combate, de cerca de 900 metros e o das balas de metralhadora apenas de 450 metros. O seu longo raio de ação de 2.400 quilômetros fará talvez em breve do "Beaufighter" um bom avião de escolta para as esquadrilhas de aviões de bombardeamento. Voando alguns milhares de metros acima dos aviões de bombardeamento, os "Beaufighters" podem lançar-se sobre os "Messerschmitts", despejando sobre eles todo o peso do fogo das suas 6 metralhadoras e dos seus 4 ca-

nhões. Como aparelho de ataque a objetivos terrestres, tem decisiva vantagem sobre o avião de bombardeamento a picar. Enquanto o "Beaufighter" corta os ares como um relâmpago, a baixa altura, pode fazer-se cuidadosamente a pontaria da torrente contínua das suas pequenas granadas explosivas, com maior precisão do que com que se aponta uma bomba ou duas. Na prática, os "Beaufighters" tem na realidade obtido grande êxito, destruindo aparelhos inimigos pousados, hangares, vedetas torpedeiras, comboios de transportes, etc. A produção deste maravilhoso aparelho está em pleno desenvolvimento.

GUARDANDO O COMBÓIO, a Armada Britânica utiliza dia e noite todos os seus vastos recursos para manter livres as vias de importância vital para a Grã-Bretanha — A derrota da Alemanha nazi, a certeza absoluta de que a tirania alemã não poderá nunca dominar o mundo e acabará por ser extinta em toda a Europa, dependem inteiramente do êxito da Armada Britânica em manter o domínio dos mares. Daí a Comunidade de Nações Britânicas o domínio dos mares e ela pode converter as Ilhas Britânicas num quartel general e base para a guerra final e decisiva contra o domínio alemão. Isso é exatamente o que se conseguiu nos dois primeiros anos da guerra. Graças á perfeita colaboração entre a Real Força Aérea, a Armada Britânica e a Marinha Mercante, a Grã-Bretanha transformou-se numa fortaleza bem alimentada, equipada e guarnecida; numa base para contínuos e devastadores ataques contra a Alemanha, uma base que a Alemanha tem de invadir e subjugar antes de poder sequer terminar a guerra quanto mais cantar vitória.

O segredo do êxito da Grã-Bretanha em manter livres as suas vias marítimas é "O Combóio", sistema brilhantemente organizado e posto em prática pela Armada Britânica. Os navios mercantes, em vez de navegarem independentemente, conduzindo as suas cargas, reúnem-se em certos pontos — portos britânicos para os navios que saem e portos estrangeiros para os navios que vêm — e deles fazem-se ao mar em "combóio", devidamente protegidos. Quando se reúne um número suficiente de navios, realiza-se uma conferência a que assistem os capitães, primeiros oficiais e telegrafistas de todos os navios que compo-

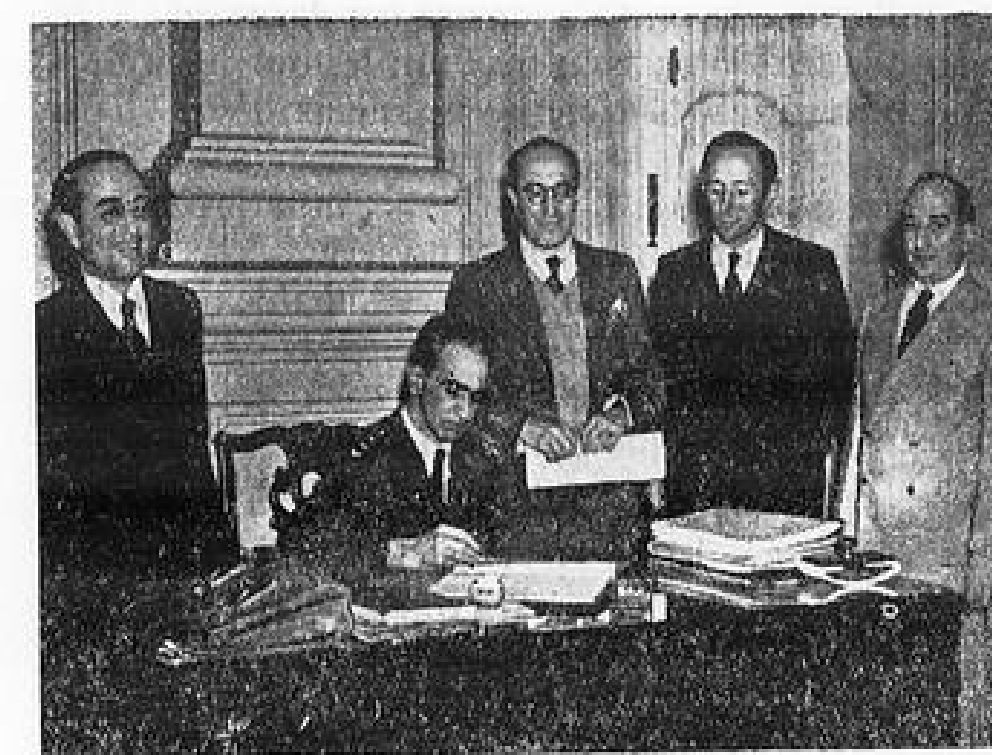


Interior da Catedral de Westminster, durante uma cerimônia religiosa.

As correntes mais profundas brasileiras chegam até a imprensa

Jacy de Souza Lima

A nomeação do major Antonio José Coelho dos Reis para o elevado cargo de diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda veio encher de esperança os corações dos brasileiros que vivem, com meditação profunda, o momento atual.



Posse do novo Diretor do DIP, Major Coelho dos Reis, no Palácio Guanabara.

E para nós, jornalistas, é um motivo de grande esperança e grande conforto termos á testa de um departamento tão importante, na vida da nação, um distinto oficial do nosso Exército, que já revelou a sua capacidade no preparo dos heróicos defensores do 12.º Regimento da Infantaria, os quais souberam escrever em nossa história uma das páginas gloriosas do nosso Exército, em que se patenteia o alto espírito de sacrifício, aliado, á mais pura nobreza de caráter. As qualidades morais alia o atual diretor geral do D.I.P. os recursos de uma grande inteligência, não somente aprimorada para a técnica da sua profissão, mas também para todos os problemas de ordem nacional e internacional.

E' interessante notar uma coincidência simpática: o major Antônio José Coelho dos Reis é filho de São João d'El-Rey, a célula mater do ambiente cultural e artístico do Brasil. As suas igrejas lá estão para assinalar as obras de arte impressionantes do artista humilde, que tirava suas criações do fundo de seu pensamento, quasi completamente desligado das escolas e doutrinas do resto do mundo — o "Aleijadinho". E' admirável como surgiu, isolado no interior de uma colônia onde o reinol só pensava na conquista do ouro, um escultor sem mestres. A arte espontânea do povo brasileiro revelava-se nesses vultos

bóio, e um Oficial do Almirantado, encarregado da sua organização, discute com eles todos os pormenores que possam contribuir para a sua segurança, os problemas resultantes da velocidade relativa de cada navio, a rota a seguir, a ação a adoptar a eventualidade de um ataque, disposições a observar no caso de nevoeiro ou mau tempo, etc. Destas conferências depende o governo do combóio.

No mar, em viagem, o combóio é escoltado por unidades navais de todos os tipos — contratorpedeiros, cruzadores, corvetas (pequenas embarcações poderosamente armadas) e algumas vezes por couraçados, quando ás circunstâncias o justificam. O espaço, por cima do combóio e centenas de milhas em redor, é patrulado por aparelhos da Aviação Naval ao serviço da Armada e do Comando Costeiro da Real Força Aérea. Ao encontro do combóio vêm gigantescos hidro-aviões quadrimotores "Sunderland" e hidroaviões "Catalina" de construção norte-americana, do modelo dos que perseguiram o "Bismarck". Quando o combóio se aproxima de águas britânicas patrulham os ares em sua volta aviões construídos nos E.U. Lockheed "Hudson". Estes aparelhos podem descobrir submarinos e avisam as unidades mais velozes da escolta quando avistam um. São estas precauções que tornam a passagem dos combóios mais segura de mês para mês.

que despontam num ambiente adverso. Ha ali, também, outro habitante ilustre de São João Colonial e do Império — Batista Caetano. O que fôra o "Aleijadinho", na arte, Batista Caetano foi no saber. Naquela tempo, em que ainda se ressentia o Brasil da ignominiosa proibição do marquês do Pombal, que mandou destruir um pequeno "prélo", cá existente, Batista Caetano, num gesto natural, procura, reunindo todos os seus esforços, dar aos habitantes de São João uma biblioteca, hoje denominada "Biblioteca Municipal Batista Caetano". A sede de saber, que faz os homens melhores, não morrera em nossa terra, apesar das perseguições que sofria. A falta de elementos culturais não tinha conseguido dominar esse instinto que nos induz a procurar o aperfeiçoamento na ciência, na literatura e na arte. Batista Caetano começou a vida pobremente e subiu a uma posição de destaque á custa de esforço e trabalho. Estudou por si e com os raros professores que apareciam na cidade. Mas não quis guardar egoisticamente o que sabia; mandou contratar em Coimbra um mestre para vir lecionar aos moços, reuniu na sua biblioteca as obras mais importantes da época, fazendo chegar ao interior de Minas os ecos da Revolução Francesa. Graças a esse homem, o jornal "Le Moniteur" trazia através do oceano e das serras o soar dos clarins, concitando os povos oprimidos á luta contra a tirania. Hoje, quem penetra naquela biblioteca revive, talvez melhor que na própria França, aquela época convulsionada através do processo judiciário dos reis que "Le Moniteur" relata detalhadamente.

A imprensa, pois, recebe na pessoa do major Antônio José Coelho dos Reis um autêntico filho de suas tradições mais nobres e mais gloriosas.

E, assim, vemos mais uma vez como a orientação do eminente presidente Getúlio Vargas vem, cada vez mais, ao encontro do sentido mais puro da nossa brasilidade.

Colégio Pan-Americano

Internato e Externato
(Oficializado)

Professorado competente — Preço para todas as posses — Educação e instrução esmeradas — ÓTIMO CLIMA.

CURSOS: Primário, Admissão, Artes femininas. Concursos do D.A.S.P.

PROCURADORIA: Nosso "Escritório Técnico Educacional" incumbe-se de preceptorar estudantes cujos pais não estejam no Rio; fazer matrículas ou transferências para qualquer escola; responder consultas s/ensino; registrar, validar ou regularizar diplomas; legalizar colégios e professores, tudo mais que se relacione com o ensino.

Pensionato: Recebemos ginásianos em pensionato.

RUA MIGUEL FERNANDES, 44 - Méier
Tel. 29-1155 — Rio de Janeiro

MODA DE HOJE COUTINHO

Aceita-se também o tecido para confecção

ALFAIATE

Uruguaiana, 96 Fone: 43-6053

Capitão Tenente Apolinário Maranhão Buarque de Lima



Depois de uma semana, que podemos denominá-la eucarística, pela piedade com que, diariamente, comungava, faleceu, na Casa de Saúde Dr. Eiras, no dia 12 de Julho, o Capitão Tenente Apolinário Maranhão Buarque de Lima.

Maranhão e Buarque de Lima falam de uma genealogia de varões ilustres, devotados à Pátria, com serviços inestimáveis, nas armas e nas letras, além das qualidades que deve possuir todo homem de bem, formado nos princípios cristãos, que imprimem na alma a virtude.

Nascido em 2 de Dezembro de 1904, em 1922, terminava seu curso no Colégio Militar, ingressando na Escola Naval, de onde saiu Guarda-Marinha, em 1926. Não contente, em 1931, matriculou-se na Aviação Naval, onde foi Instrutor de vôo e navegação, galgando o posto de imediato da Escola de Aviação Naval, indo em comissão à Letícia, em missão de policiamento aéreo do território nacional.

Foi colaborador assíduo de "O JORNAL", na sessão política internacional, escrevendo dezenas de artigos. Ilustrou as letras pátrias, escrevendo dois livros: "Bordejões de uma Galeira" e "Navalismo Contemporâneo", tendo deixado bem adiantado um outro: "O Brasil e o sentido do mar".

As raras qualidades que possuía unia uma inteligência privilegiada, sendo, por isso, escolhido para orador oficial na colação de grau no Colégio Militar e na Escola Naval, por ocasião da recepção do galão.

Com o artigo "Surge et ambula", ressuscita ele "A Galeira", revista dos alunos da Escola Naval, da qual foi o primeiro Redator.

Estampando "Minha terra", "O Guardião", "Lira de cego" e "Surge et ambula", desejamos que os nossos leitores conheçam as virtudes cívicas e a nobreza de sentimentos dessa alma boa, que foi o Capitão Tenente Apolinário Maranhão Buarque de Lima.

Através de pessoas amigas, nós o conhecíamos e muita admiração tínhamos por ele, razão por que aceitámos o convite de sufragarmos sua alma no santo sacrifício da missa, quando da ocorrência do sétimo dia da sua morte.

O GUARDIÃO

(A minha mãe)
A. M. Buarque de Lima

Entro o velho portão do secular mosteiro.
Com o Guardião, á cinta o Cristo preso,
Peregrino de cela em cela, aventureiro,
E ajoelho, comovido, ante o altar todo aceso.

De cada imagem fala o eremita do outeiro
E os milagres do santo enumera-os; desprezo
Do mundo trai-lhe a voz; mas um tremor ligeiro
Fita o nicho mais belo, entre as ruínas ileso.

O silêncio, a penumbra, os círios... uma prece
Que diante do altar um peregrino tece...
E ao meu lado o guardião disfarça embalde o pranto.

Pelo templo deserto a Ave Maria ecôa,
E parece-me então que ele ainda ressôa
Das confissões de amor que ouviu aquele santo.

LIRA DE CEGO

A. M. Buarque de Lima

Saciada de treva, ansiosa de luz,
Invejando o que vê, conformando o que chora,
Minh'alma reproduz, na angústia de toda hora,
A tristeza da flor nascida nos patêes.

[Jesús.

Florido prado, esbelto ramo, céus azues
Desherdada do sol — que lhe importam?

[Embora

Replõesca o vergel e irradie luz, é fora
O esplendor. Nela a treva e a imagem de

E contrito, Senhor, curvada a humilde fronte,
— Naufrago que perscruta uma ilha no horizonte
— Beduino que esquadrinha um oasis no infinito,

Suplico-vos, da noite eterna dêste pego
Com um pouco mais de vida a meus olhos de

[cego,

Mais um pouco de paz á minh'alma de aflito.

MINHA TERRA

A meu pai
A. M. Buarque de Lima

A casaria colonial de Olinda
Descia da colina para o mar,
E das ondas, na verde esteira infinda,
Recife começava a repontar.

Crivada de árvores, sinuosa e linda,
Uma praia bem longe a sublinhar
O horizonte... E perto á praia ainda
Uma vela pontilha a bordejar...

Minha terra! eras tu que, espedaçando
Das nuvens e da espuma o branco esquife,
Emergias, cantando e palpitando,

Nos teus coqueirais, cheios de arrepios,
Na serena altivez do teu recife,
Na balada sonora dos teus rios!

Surge et Ambula

A. M. Buarque de Lima.
Rio — Abril de 1925.

Já ladrava ás portas da cidade de Péricles a matilha das hostes macedônicas. Nos lares sem pão, nas casernas sem legionários dissipara-se o mais tênue resquício de esperança. A iminência do desbarato inevitável, o vampirismo do inimigo triunfante haviam abismado em desespero a alma helênica. Um coração, porém, não entibiara. E Demóstenes, que era êsse o infatigável patriota, Demóstenes multiplica-se prodigiosamente nas tribunas da metrópole eterna do belo, conceita o povo, fustiga Filipe, opondo á enxurrada das legiões que já transpunham á fronteira a muralha do seu verbo inegalável. Mas o tribuno supremo prégou de preferência para a juventude. Nela, no seio imenso dos que amanheciam para a vida, é que a sua voz se agigantou, e a Pátria foi abrigar por algum tempo a inviolabilidade da independência ameaçada. Essa mocidade, imortalizada no cumprimento o mais imperioso dos deveres, ficou emblemando a excelstude do civismo juvenil, que Plínio incarnaria no viriliter puer, mercê do esmêro da educação, que na frase de Latino Coelho "tinha por seu instituto estimular ao mesmo passo o vigor e a formosura corporal, e imprimir nos ânimos juvenis as qualidades que definem o perfeito cidadão". Mas a educação ateniense era "a que bebia com maior entusiasmo nas inspirações da arte e da poesia". E a arte máxima dos gregos era a palavra.

Não precisavamos ir tão longe para justificar o aparecimento de "A Galera", nome moderno da "Revista da Escola de Marinha", fundada em 1880 e de que possuímos um exemplar de 1885, o seu último ano de vida, publicado sob a direção de José Martini e Adolfo Caminha.

Tôdas as academias, as civis como a militar, possuem uma revista em cujas páginas se espelham e desenvolvem a inteligência, a cultura e a educação dos seus alunos.

Entre elas figuramos agora, e a ninguém medianamente culto escapa quanto de sacrifício, dedicação e responsabilidade nos pesa sobre os ombros. O preço fabuloso do material, na maioria americano, a morosidade dos trabalhos tipográficos, a árdua tarefa da revisão dificultam sobremaneira aos que como nós, sujeitos á disciplina militar e ao regimen de viagens, têm o tempo cercado. Nem ao menos a manutenção material, pelo reduzido do nosso corpo discente, temô-la assegurada. Mas venceremos. E por que a trajetória, rude mas corajosamente encetada, se não interrompa, apelamos para quantos labutam conosco nas lides escolares, colegas e mestres, afim de que prestigiem a nossa "Galera" com a sua experiência, a sua colaboração, o seu nome — ramalhete de esperanças que esfohará agradecida no regaço das suas páginas. Assim ela se levanta; assim ela caminhará. Surge et ambula.

"O Teste da Gasolina"

Jacy de Souza Lima

Tarde em Copacabana. Na praça triangular da rua Inhangá, a luz do sol poente fazia ressaltar a pintura amarela da casa de pasto. Era uma relíquia da velha Copacabana, dos tempos em que não havia um único arranha-céu. As grandes portas abertas com cestas de pescado encostadas á soleira lembram aquela simplicidade displicente dos tempos, quando a praia não era ainda o centro dos "granfinos". Seus habitantes eram outros, pescadores requemados pelo sol, endurecidos no trabalho rude e honesto.

Foi por isso que penetramos alegremente naquele restaurante popular, afrontando a fumaçada espessa das sardinhas, que fritavam ruidosamente no azeite de algodão, para regalo e felicidade de dois portugueses, já sentados á mesa, sem paletó.

Um ruído de freios fez-nos saber logo que um taxi parava á porta e o chauffeur entrou rapidamente atirando ao cabide um boné agalardado. O dono da casa chegou-se logo pressuroso.

— "Então, "seu" Brandão, como vai a praça?"

— "Para nós, chauffeurs de taxi, não vai tão mal assim... O que eu queria saber é o que pensam êsses "granfinos" de paletó rasgadinho nas costas e calça de bôca estreita, dêsses que passam fome para comprar gasolina"...

— Mas, porque?

— Então você não sabe que depois do dia 19 a "cana vai ser muito dura" para êles?

— Porque? perguntou-lhe o dono da casa de pasto.

— Ora então você ignora que o governo não permitirá mais o trânsito dos carros particulares depois daquela data? Um pescador que tomava uma "caninha" no balcão meteu-se á conversa.

— Qual, "seu" Brandão, o pior é com os pescadores. Não vai sobrar gasolina para as traineiras.

— Esteja tranqüilo, "seu" Pedro, só vai faltar gasolina para o pessoal que vive af perdendo tempo".

Com a chegada do peixe que vinha deitado numa travessa de barro, nadando num suculento molho e cercado de cebola do Rio Grande do Sul a conversa esmoreceu, mas lá pelas tantas um "granfino" entrava batendo com os sapatos de sola grossa pela porta.

— Sr. Manuel, dois charutos havana e um "Whisky"! E foi dizendo: Oh! Brandão, você não conhece ninguém que queira adquirir meu "Studebaker"? Com êsse negócio de racionamento da gasolina as coisas vão indo mal. Só vejo um jeito é "torrar" meu carro.

E, mas tá difícil, porque o governo só vai dar gasolina para quem põe os carros a serviço do público. De modo que ninguém que comprar automóvel agora.

O "granfino", desanimado, acabou o "Whisky", guardou cuidadosamente os havanas, pagou a despesa e sumiu no asfalto...

— "E" "seu" Manuel, essa gente agora tem que tomá o "Taioha". Agora é que nós vamos ver quem aguenta calada o sacrifício".

Deixamos a velha casa de pasto e, enquanto caminhavamos pela calçada da Avenida Barata Ribeiro, observamos o ambiente. As grandes massas dos edificios ostentavam luzes fortes, enquanto nos morros piscavam lâmpadas distantes. Pareceu-nos que a civilização tinha sido aos poucos expulsa da praia, porque agora o comodismo egoísta constatrava com o espírito de sacrifício dos que viviam lutando com grandes dificuldades.

E a silhueta do viaduto no alto do morro do Leme vem lembrando-nos que talvez essas duas mentalidades tão diferentes pudessem unir-se em benefício de todos. A oportunidade aí estava: o racionamento da gasolina.

ESCOLA DE CIÊNCIAS, ARTES E PROFISSÕES "ORSINA DA FONSECA"

RUA FREI CANECA, 42

CURSOS:

COMERCIAL — LÍNGUAS — DATILOGRAFIA e CONCURSOS PARA "O DASP",
Formação de professoras primárias. — Corte, costura, flores e bordados.
Desenho, pintura e canto.

CARTA

Mamãezinha: cheguei ontem,
O colégio está tão triste!
Só saudade, só tormento,
Em redor de mim existe...

Mas olha, estou vendo agora
Que razão de sobra havia
Quando chamavas teu filho
Distraído em demasia.

Imagina, mamãezinha,
Por não sei qual distração,
Deixei por aí, perdido,
O meu pobre coração.

Procura-o; vê si o encontras.
Tem pena do meu sofrer,
Pois, como sem coração,
Pode teu filho viver?

RESPOSTA

Hei recebido, filhinho,
Tua carta. Tens razão,
Deixaste, de fato, aqui
Perdido, teu coração.

Sabes, porém, onde estava,
Ó meu filhinho querido?
No coração da mamãe
É qu'ele estava escondido.

Pelo primeiro vapor
Eu mesma irei to levar.
Um tal tesouro não quero
Por nada a alguém confiar.

P.S. — Mas cuidado! Que não fique
Na minha volta, ó benzinho,
O coração da mamãe
No coração do filhinho...



As classes trabalhistas de Juiz de Fora, enviaram ao Presidente Getúlio Vargas uma delegação, incumbida de apresentar cumprimentos e votos de pronto restabelecimento. Um flagrante tomado no Guanabara.

Pensionato Feminino Nossa Senhora de Lourdes, em S. Gonçalo, Est. do Rio

A SUA INAUGURAÇÃO

Transcrevemos de "O S. Gonçalo", de 19 de Julho, a seguinte notícia da inauguração do Pensionato Feminino Nossa Senhora de Lourdes, em S. Gonçalo, dirigido pela Exma. Sra. D. Bernadette de Maria e auxiliada pela Exma. Sta. D. Herminia Vaz, sob o alto patrocínio da Exma. Sra. D. Estefânia de Carvalho, Diretora do Colégio S. Gonçalo, e nome que vale por uma bandeira no empreendimento abraçado pela Exma. Sra. D. Bernadette de Maria.

D. Bernadette de Maria representa um grupo de moças dispostas a auxiliar o Revmo. Vigário de S. Gonçalo nos seus trabalhos. Inteiramente submissas á autoridade paroquial, uma única preocupação é a dessas moças: Fazer Nosso Senhor conhecido e amado, confiando exclusivamente naquela força de S. Paulo: Omnia possum in eo que me confortat.

Eis o que diz "O S. Gonçalo":

Foi ontem inaugurada a instalação do Pensionato Feminino de São Gonçalo, que tem por diretora a professora d. Bernadette de Maria.

O ato que se revestiu de simplicidade, teve a presença do dr. Eduardo Ferreira Pacheco que representou o Prefeito, Dr. Nelson Corrêa Monteiro, D. Carlos Duarte Costa, Bispo de

Maura; Padre Godofredo Bareneo Coelho, Vigário da Paróquia; D. Estefânia de Carvalho, diretora do "Colégio S. Gonçalo" e srs. Zeno de Carvalho, Nicanor Ferreira Nunes, muitas famílias e pessoas gradas.

A bênção foi feita pelo Bispo D. Carlos, tendo em seguida todos os presentes percorrido as instalações.

Em seguida, foram servidos doces e café aos presentes. Nessa ocasião, usaram da palavra os srs. Sebastião de Carvalho, pelo Delegado Regional Rafael Aflalo; Dr. Eduardo Ferreira Pacheco, prof. Bernardette de Maria, Bispo D. Carlos e Vigário Godofredo B. Coelho.

Causou magnífica impressão o discurso do advogado dr. Eduardo Ferreira Pacheco, que concluiu a oração com as seguintes palavras:

"Aqui as nossas jovens, ansiosas por ampliar seus conhecimentos, sob zelosa vigilância dos diretores desta instituição, conservarão os atributos e as virtudes adquiridos na salutar atmosfera familiar, ampliando-os cada vez mais para se nivelarem no futuro com Ana Nery, Maria Quitéria, Benta Pereira, Soror Angélica e tantos outros vultos, que constituem o estelário inapagável que tanto realce proporciona á figura legendária da mulher brasileira".

"Luxor-Salão"

Luis e Maria
Cabeleireiros

RUA MIGUEL LEMOS

125 A

Fone. 47-2211



MESSAGEIRO N. S. MENINA

— 22 —

Pereremos pela vitória dos aliados,

dizia, em 1940. S. Em. Revma. o Sr. Cardial Arcebispo de Quebec, no Canadá

Alocução pronunciada na Festa do Sagrado Coração, a 31 de Maio de 1940, sexta-feira, por Sua Eminência o Cardial Villeneuve, Arcebispo de Quebec.

"Todos os povos pecaram. Nós temos pecado. Nada impede que, neste momento, no seio da humanidade dividida, Hitler represente a felonía, a irreli-gião e a organização do mal, transformando em suas vítimas os que dispõem a atacar, simbolizando o direi-to, a fidelidade a Deus e á Pátria, as forças da ordem e do bem moral.

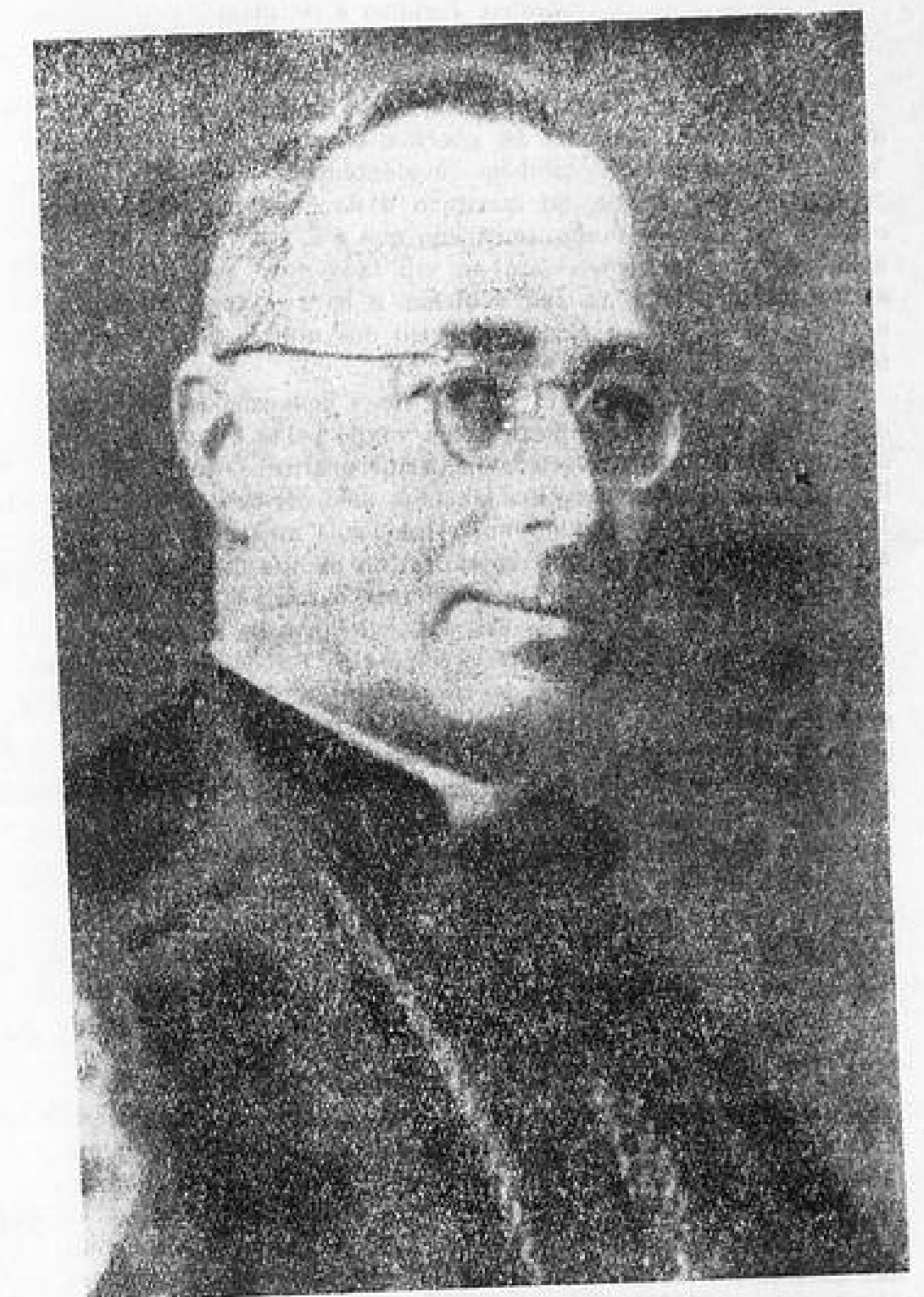
Também com uma discrição sempre sábia, mas ao mesmo tempo com uma força heróica, o Soberano Pontífice, S. Santidade Pio XII, espalha pelo mundo, para onde se convergem as inclinações de seu cora-ção, seus votos e orações.

E' fora de dúvida que a vitória de Hitler na Europa seria para nós a ameaça, talvez próxima, dos mais graves desastres, das mas funestas erradicações, da anulação das tradições religiosas, culturais e so-ciais, que formam, presentemente, como a própria carne do nosso grupamento étnico e nacional.

Como seria concebível que entre os nossos se achassem, ainda que em partícula mínima, cristãos e patriotas bastante deformados, para se manifesta-rem levemente a propósito do conflito atual da Europa, onde corre nosso próprio sangue e se jogam os nossos destinos?

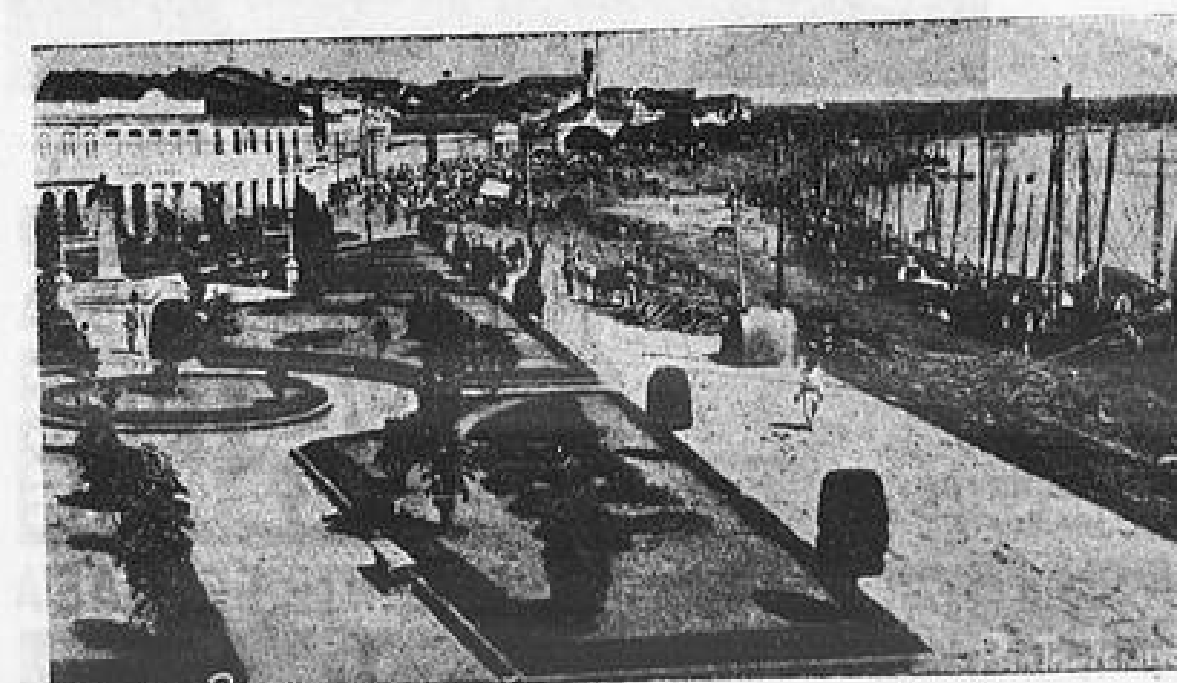
Certamente não, meus Irmãos; e é sob um jura-mento unânime de devotamento sobrenatural á causa dos aliados, que é também a nossa, que vimos renovar ao Cristo nossa fidelidade e, ao mesmo tempo, pedir-lhe seu divino poder em prol de nossas armas.

Não me cabe entrar na apreciação da política da guerra, nem determinar em que medida e por que meios participaremos dela. Abstenho-me disso, desejo que, no plano superior em que atuam, nossos chefes de Estado usem de tanta prudência quanto de liberalidade; mas talvez, me pertença julgar da moralidade das atitudes cívicas e declaro com con-

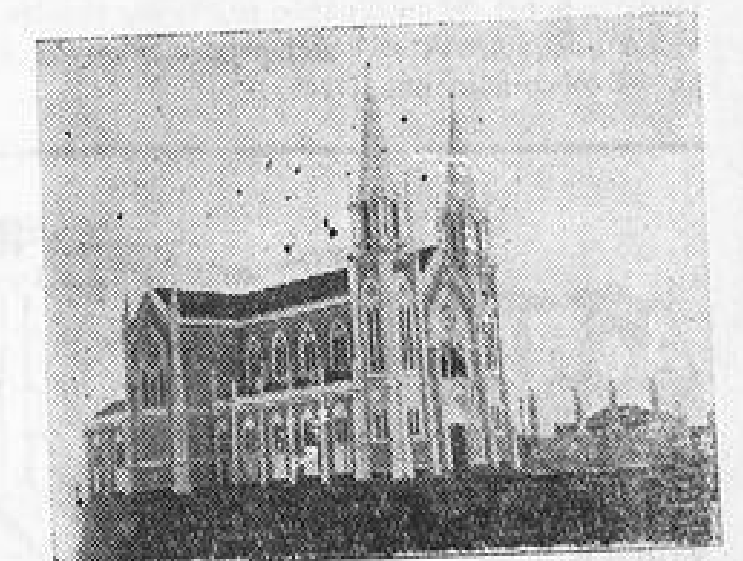


S. Em. Revma. o Cardial Villeneuve, Arcebispo de Quebec — Canadá

vicção que a sabedoria e a clareza cristãs, o patrio-tismo" mais nobre e mais reto, a própria religião, nos impõem o dever de orar neste momento pelo triunfo dos aliados, de desejar sua vitória e de concorrer para ela na medida de nossos recursos, mesmo ao preço de todos os sacrifícios e inspirados pelos mais magnânimos devotamentos."



Praça João Fernandes, em Propriá — Sergipe.



A Suntuosa Catedral de Petrolina — Pernambuco

Do interessante livro "Alma do Nordeste" de C. Nery Camello

MESSAGEIRO N. S. MENINA

— 23 —

As Guerras entre as Nações

Dr. Vicente Soares

Autor de "O Direito de Matar" sob o ponto de vista

Médico, Jurídico e religioso

Certo eutanásista, criticando a nossa formal recusa quanto à aceitação de sua doutrina estranha a justificativa por nós apreendida com referência às guerras entre as Nações. Essa sua interpretação é, também, evidentemente errônea, pois, "a auréola da virtude, do sacrifício e do heroísmo, envolverá e purificará esse estranho, fenômeno que é a guerra, e o Evangelho, doce e pacífico, estará ao seu lado para assisti-lo com a autoridade divina da sua doutrina e para exaltar nele não a força em si, mas a força a serviço dos nobres fins que lhe foram confiados".

Deus levou o seu povo muitas vezes aos campos de batalha: Israel passou triunfante o seu vexillo pelas campinas verdantes da Palestina; Jericó viu desmoronarem-se suas muralhas ao clarinar dos exércitos guiados pelo cérebro fecundo de Josué; Godofredo de Bullion, em plena idade medieval, reunindo a fina flor da nobreza contemporânea, ao mando do Senhor das alturas, assediou Jerusalém para libertar o sagrado túmulo das mãos dos infieis; no ano de 622, Heraclo invadiu a Pérsia em defesa das glórias cristãs. E fê-lo com tanta felicidade que anos mais tarde teve a ventura de transportar a Igreja do Santo Sepulcro o lenho do crucificado, a maior das reliquias da cristandade; Constantino, levando como lema o *in hoc signo vinces* gravado nos escudos de seus soldados, acometia a Roma pagã do século IV, após, segundo diz a história ter-se-lhe aparecido o próprio Jesus Cristo incentivando-o à luta; Foi nas planícies de Poitiers que os pesados esquadrões de Carlos Martel, em nome da cristandade, topou em cheio contra a rápida cavalaria árabe. Aos homens do Norte, agigantados, fulvos, leoninos, vestidos de armadura, armados de espada, maça ferrada e achas de arina, coube a glória de salvar, em nome de Deus, o cristianismo; Jeanne d'Arc, célebre donzela de Orleans, jovem camponesa de Domrémy que, vestida de armadura de malhas e armada de lança aguçada, à frente das hostes aguerridas da França, causou verdadeiro terror aos ingleses pelo seu valor e coragem, trazia flutuando ao vento uma bandeira de guerra com os nomes de Jesus e de Maria.

E assim, em todos os tempos de que há memória, o clarim das guerras justas, em que por vezes imperou a voz do Senhor, acordou as populações do velho continente, e a história relatou o vigor de tais pelejas.

Neste caso, "a guerra continuará a aparecer aos olhos dos homens como instrumento legítimo, a serviço da justiça, da verdade e da paz e o espírito evangélico permanecerá imperecível nas consciências, e os cristãos, embora conturbados e desorientados pelo espetáculo da guerra atual, não deverão desesperar da providência divina que pôde tardar mais jamais falhará".

Não deixemos, portanto, passar a oportunidade que se nos apresenta para se refletir e se precaver sob as guerras injustas, que a pesar de infinitamente indesejáveis, foi assunto dos tempos passados como o é da atualidade.

Injustas, abomináveis, são as guerras que se provocam pela ambição, por sonhos imperialistas, por intrigas políticas e subalternos interesses pessoais à suposta desfronza de honra ofendida, mas, necessários e dignificantes quando tendem a defender a honra de uma nação pacífica e ordeira, a afastar e esquivar a ameaça a consciência dos povos e a integridade de países soberenamente livres.

O PODER DA ORAÇÃO

Júlio Ribeiro

Só desconhece o poder da oração quem desconhece grandes amarguras.

A oração é a alavanca do espírito.

Quando o fardo do viver pesa como chumbo sobre a alma quasi asfixiada, quando o círculo de ferro dos dissabores estreita-se, estreita-se, envolvendo-a, tocando-a, parecendo prestes a aniquilá-la, o homem prostra-se e volve um olhar para Deus... As frases que mal traduzem o pensamento atribulado rompem-lhe dos lábios murmuras e inconexas...

E um bálsamo suavíssimo de esperanças percorre-lhe as veias ressequidas; na escuridão que o rodeia esboça-se um albor ténue, difunde-se, tingindo o horizonte alargado; sopram auras de vida: é um alvorecer.

E o homem levanta-se revigorado, atira-se à luta, derriba obstáculos, vence, triunfa.



Isaías

Jesús, dando o Espírito Santo aos Apóstolos, lhes recomendara perdoassem os pecados, como Ele o fizera, manifestando a sua misericórdia, concedendo perdão à Madalena.

Maria, irmã de Marta e de Lázaro, era de Madala, na Galiléia, donde seu nome de Madalena. Era uma pecadora. Tocada pela graça, foi prostrar-se aos pés do Salvador. Simão, o Fariseu, escandalizado, tê-la-ia rejeitado como os soberbos designados pelo Profeta Isaías, que diziam: "Retira-te de mim, não te aproximes, pois, sou puro". Jesús, ao contrário, "defende-a contra as calúnias dos orgulhosos". Admirando a ação divina nessa alma, "atenta aos mandamentos divinos, enquanto os pecadores desejariam vê-la cair novamente no pecado", "Ele acolhe com misericórdia a oferta de seus serviços", e "lhe garante, para todo o sempre, o lugar de honra na sua corte celestial". O arrependimento transformou-lhe o amor. "Porque muito amou, seus numerosos pecados lhe são perdoados". A seu pedido, Jesús ressuscita Lázaro e, quando depois da crucifixão do Salvador, a que assiste com profunda dor, ela procura, semelhante à esposa dos Cânticos, onde colocaram o seu esposo divino, o Cristo chama-a pelo seu nome e encarrega-a de anunciar aos discípulos a sua Ressurreição. A exemplo de Madalena que, no dizer dos

Santos Padres, personifica a ação da Igreja para com Jesús, aproximemo-nos, em espírito de amor e de arrependimento, afim de espalhar em torno de Jesús, presente na Mesa Divina da Eucaristia, o tesouro dos nossos louvores, cerquemó-lo no altar, com espírito de fé que não receia o escândalo farisaico das pompas da liturgia, retribuindo ao Senhor tudo quanto do próprio Senhor recebera para dar-lhe honra e glória, com a mesma honra e glória, com que se reveste o Homem-Deus no augustíssimo sacramento do altar.

ANIVERSARIOS:

Julho

- 3 — Regina Maria, filhinha do Tenente Hésio Melo Alvim e de D. Iná Melo e Alvim.
- 7 — Haydée Gouvêa.
- 10 — Dilza Coutinho — Ruth Gouvêa
- 11 — Hugo Tourinho, filho do Sr. Afonso Tourinho e de D. Amenaide Tourinho.
- 13 — Ieda Lavrador.
- 15 — Nilza Maria Freire de Oliveira.
- Maria Lúcia, filhinha do Sr. Delso Graça Araujo e de D. Lourdes Graça Araujo.
- 21 — S. Ex. Revma. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo de Mauara.
- Lúcinha e Germaninha, filhinhas do Dr. Raul da Cunha Ribeiro e de D. Maria Emilia Santos Ribeiro.
- 24 — Gerardo Signorelli, filhinho do Sr. João de Andrade, nosso companheiro de trabalho, e de D. Idilia Esteche de Andrade.

ANIVERSARIOS DE CASAMENTO:

Julho

- 2 — Amauri e Noémia Melo e Alvim.
- 18 — Dr. Waller de Almeida e Miriam de Almeida.

NASCIMENTOS:

Junho

- 12 — Solange, filhinha do Dr. Areobaldo da Rocha Pimentel e de D. Conceição da Rocha Pimentel.

Julho

- 8 — Célia Maria, filhinha do Sr. Francisco Antônio Giffoni Filho e de D. Otília Meirelles Giffoni.

- 11 — Paulo Silvio, primogênito do Dr. Silvio Romero e de D. Luzia Domingues Romero.

FALECIMENTOS:

Julho

- 12 — Dr. João Pedro Leão de Aquino.
- 13 — Capitão Tenente Apolinário Maranhão Buarque de Lima.
- 14 — Ernestina Moreira Lopes.
- 19 — Monsenhor Luiz Gonzaga do Carmo, Vigário da Glória.

CRISMAS

Junho

- 28 — Martha Costa.

Julho

- 5 — Isaura Seixas Brito.
- Maria Inez Kallut Nascimento.
- 8 — Moema Cecília da Silva.
- 11 — Leda Maria da Silveira.
- 12 — Jorge Justo.
- Olavo Graça Castelões.
- Cilene Duncan.
- Maria Regina Costa.
- Jandira Costa
- Maria Helena Costa
- Dirce Costa
- 19 — Lilia Marilde Mercado Nader.
- Neide Ferreira
- Marisa Dulce Mercado Nader
- Dora Fonseca.



Myriam da Rosa, no dia da sua primeira comunhão feita na residência de Dom Carlos.

AD BAZAR BOB

FERRAGENS, TINTAS, MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

LOUÇAS, CRISTAIS, OBJECTOS DE FANTAZIA, BRINQUEDOS, TAPEÇARIA, MOVEIS, MALAS, CAMAS PATENTES, COLCHOARIA E REFORMAS EM GERAL

RUA COPACABANA, 722-724
RUA SANTA CLARA, 71 e 75

J. B. SOARES & C^{IA}

Tel. 27-2652 e 27-6069-Dto de Janeiro

CONTRA A CASPA

JUVENTUDE ALEXANDRE

EVIDENTE EFFICÁCIA

Pensionato Feminino Nossa S. de Lourdes

SÃO GONÇALO, Est. do Rio

Acaba de ser instalado, em confortável prédio, o "PENSIONATO CATÓLICO FEMININO NOSSA SENHORA DE LOURDES" para as moças que desejam frequentar estabelecimentos de ensino em S. Gonçalo.

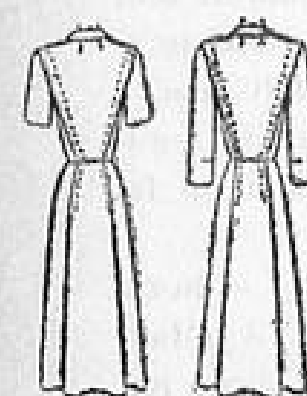
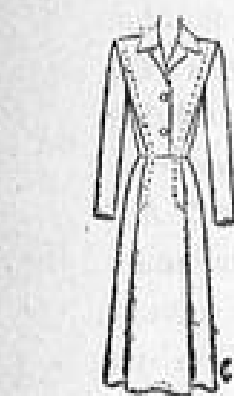
Encontrarão também, neste estabelecimento, as Professoras e Funcionárias facilidade para suas refeições.

Para melhores esclarecimentos, dirijam-se á RUA SÁ CARVALHO, 353.

S. Gonçalo, 18 de Julho de 1942.

BERNADETTE DE MARIA
Diretora

MODAS



SEDAS — Lãs E ALTAS
NOVIDADES

Casa

GEBARA

RUA LUIZ DE CAMÕES, 36-38

Fone 43-0950

Matriz

Única filial

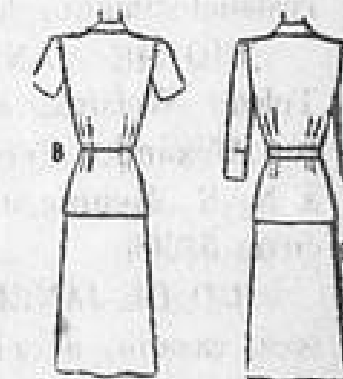
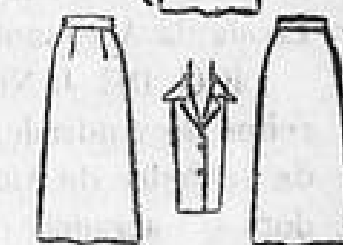
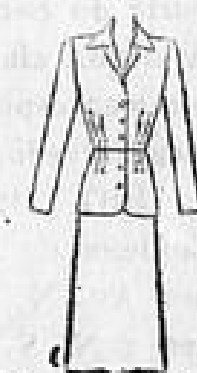
RUA OUVIDOR, 128-130

Fones: 22-7263 e 22-5816

Apresentamos às nossas leitoras lindo modelo para a estação. As ombreiras salientes adelgaçando até a cintura a saia pregueada, tanto na frente como atrás.



Belo modelo para passeio. A saia sendo confeccionada em duas metades são simples para fechar, a blusa é uma novidade. Confeccionado em cores escuras para viagens de trens, autos, excursões, etc.



Jeannette

Chapéus

e

Vestidos

RUA GONÇALVES DIAS, 55

TEL. 22-6353

5.º andar — (Elevador)

RIO DE JANEIRO

Os sorrisos de N. S. Menina



Levantando-se Maria, foi com presteza ás montanhas, á uma cidade de Judá. E entrou em casa de Zacarias e saudou a Isabel. E aconteceu que, apenas ouviu Isabel a saudação de Maria, logo exultou o menino no seu seio, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo, e exclamou em alta voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o o fruto do teu seio. E, de onde a mim esta dita, que venha visitar-me a Mãe do meu Senhor? Porque, assim que chegou a voz da tua saudação aos meus ouvidos, logo o menino exultou de prazer no meu seio. E bemaventurada és tu que creste, porque se não de cumprir aquelas coisas que te foram ditas da parte do Senhor. Então, disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor; e o meu espírito se regozijou em Deus meu Salvador". (S. Luc. 1, 39-47).

RIO DE JANEIRO — Gilberto Cordeiro de Miranda, solteiro, residente á Av. N. S. de Copacabana, agradece á N. S. Menina a sua entrada na Escola da Aeronáutica.

RIO DE JANEIRO — José Marreiros de Andrade, residente á Estrada S. Pedro de Alcântara, 120 — Deodoro — agradece á N. S. Menina o restabelecimento de D. Ester Martins

RIO DE JANEIRO — Celina de Toledo Weisigk, casada, residente á rua Alexandre Ferreira, 144, agradece á N. S. Menina uma grande graça e envia 5\$000.

RIO DE JANEIRO — Cícero Fonseca, casado, agradece á N. S. Menina a graça concedida á sua filhinha, de três meses Maria Amélia,

que, engulindo um alfinete de pressão no domingo, terça feira, o expeliu sem nenhuma intervenção cirúrgica simplesmente, com o pedido feito em hora de aflição para seus pais.

RIO DE JANEIRO — Zuleika Maria de Barros, solteira, residente á rua Santa Luiza, 33 — c. 26 — agradece á N. S. Menina duas grandes graças concedidas a duas pessoas de sua família.

RIO DE JANEIRO — Estella Nicolet de Moffa, viúva, residente á rua da Glória, 68, agradece á N. S. Menina uma grande graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Manuel Gouvêa Pereira, residente na Estrada do Cabuçu, 49-A — Campo Grande, de 78 anos de idade, agradece á N. S. Menina a sua cura completa de uma perna quebrada.

RIO DE JANEIRO — De Célia Ribeiro da Silva Mendes recebemos:

"Estando minha filha, Zélia, gravemente enferma e ameaçada de ser submetida a uma importante intervenção cirúrgica, apelei, aflita, para S. Teresinha, rogando-lhe intercedesse á N. S. Menina por ela. Coloquei-lhe, assim, a medida de N. S. Menina e uma reliquia de S. Teresinha. Milagrosamente, a moléstia começa a de-

clinar! Passei em oração a noite antecedente á intervenção e, pela manhã, os médicos declararam a doente em franca convalescença, surpreendidos pelo estado em que encontraram, cessados todos os sintomas graves! Assim, dentro em pouco, regressávamos felizes ao nosso ar e agora que a vejo completamente restabelecida e bem disposta, sem haver interrompido os seus estudos, faço-a portadora deste agradecimento á nossa Mãe Santíssima, a cujos pés depositamos o nosso coração, bem como o de toda a nossa família".

MIRACEMA, Est. do Rio — Recebemos o seguinte cartão: "A Administração de N. S. Menina solicito publicar uma graça alcançada por intercessão de N. S. Menina, em favor de nosso Revmo. Vigário, Padre José Nicodemos dos Santos, que se encontrando enfermo, recuperou incontinentemente a saúde, após uma novena em comum, feita por seus paroquianos á excelsa Rainha dos céus. Tendo feito promessa de publicar a presente graça, faço-o, remetendo 20\$000, sendo 5\$000 como espórtula para a publicação e 15\$000 para assinatura da Revista, neste último semestre — Maria Itália Mattos".

Uma expressiva homenagem da espiritualidade feminina



Dr. L. J. Costa filho

O Exmo. Sr. Desembargador Carlos Xavier, Presidente da Federação das Academias de Letras, recebeu a expressiva mensagem que abaixo transcrevemos, e que lhe foi dirigida por um grupo ilustre de jovens cariocas, estudantes do 5.º ano do Curso Secundário, a propósito da homenagem que a Mulher Sergipana vai prestar ao seu conterrâneo, Acadêmico Dr. Luiz José da Costa Filho.

"Exmo Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, Desembargador Carlos Xavier.

Nós, estudantes do Curso Secundário, abaixo firmados, nos dirigimos a V. Ex. para solicitarmos se digne informar ao 2.º Secretário dessa alta e gloriosa instituição das boas Letras Nacionais, Acadêmico e Professor Dr. Luiz José da Costa Filho, nosso prezadíssimo Mestre, que resolvemos de todo o coração e com abundância de simpatia, aderir á justa homenagem que lhe vai prestar a Mulher Sergipana, nossa patrícia e irmã do Norte do Brasil, a quem louvamos e aplaudimos pelo ato de Justiça com que vai honrar ao Mérito.

Rio de Janeiro, 5 de Junho de 1942.

(Assinadas) Luci Coelho Rodrigues Velho, Maria Suaní de Oliveira, Maria de Lourdes Bittencourt, Dalva Saldanha da Gama, Lourdes Rodrigues, Iolanda Pereira Bastos, Cora de Guedes Santos, Sônia Litvak, Dirce Menezes de Almeida, Lucília Corrêa da Silva, Gení Sandler, Helvase Magalhães, Zita Florêncio, Maria Aparecida de Sousa, Carmen Castêlões, Lúcia de Villeroy".

FOLHETIM

SANTA BERNADETTE

Versão de A. Peixoto do Amaral

A VIDA PÚBLICA

Livro I

Bernadette e as Aparições

(Continuação)

Já vimos as impressões que sentia o *Maire* a respeito do sobrenatural surgindo de repente sob os seus olhos. A aparente impassibilidade do magistrado municipal ocultava um homem ansioso e muito agitado.

Participou ao Prefeito a conversa que ele e o Sr. Dutour haviam tido com o Pároco-Deão, as palavras do homem de Deus, e a natureza da resistência que tinha a certeza de lhe encontrar. A prisão de Bernadette, acrescentava então, podia além disso, atento o estado dos espíritos, sublevar a cidade, e provocar uma revolta, indignada contra as autoridades constituídas. Quanto a ele, em vista da determinação, tão formalmente expressa pelo abade e em presença de tão temíveis eventualidades, via-se, com profunda mágoa, obrigado a recusar, *ainda mesmo que se visse obrigado a pedir exoneração do cargo*, a fazer executar pessoalmente semelhante medida. Ao Prefeito é que competia, si assim o entendesse, mandar fazer a prisão, por meio de uma ordem diretamente sua á Gendarmeria.

Enquanto que a sorte e a liberdade de Bernadette estavam submetidas a estas incertezas, o Sr. Jacomet, autoritariamente revestido da sua banda tricolor, preparava-se para executar, nas Rochas Massabielle, as ordens do Sr. Massy.

Os leitores de *Nossa Senhora de Lourdes* (do mesmo autor) sabem o que aí se passou.

A resolução não ameaçadora, mas inflexível, do Abade Peyramale, a sua determinação de intervir pessoalmente para proteger Bernadette contra a prisão projetada, preocupavam bem mais o barão de Massy, do que os milagres e tôdas as provas do seu poder celeste. Deus, numa palavra, inquietava-o menos, do que o Pároco.

A recusa do Sr. Lacadé em proceder a essa ordem; a sua oferecida demissão, — circunstância muito estranha da parte d'esse funcionário tímido; — o visível descontentamento dos mares do cantão ao discurso do conselho de revisão; os sintomas de grave efervescência, que tinham acolhido ao ser retiradas as promessas que estavam na Gruta; a incerteza em que se estava da passiva obediência dos soldados e dos gendarmes, que partilhavam a respeito de Bernadette do entusiasmo e da veneração populares, tudo isto lhe dava igualmente assunto para largas reflexões. Compreendeu, pois, que, dado um tal conjunto de coisas, a prisão da Vidente poderia ter consequências desastrosíssimas.



E todavia ele não tinha receio de arrostar de boa vontade com uma sedição popular. Alguns pormenores que já referimos, davam mesmo lugar a supor que ele a tinha secretamente desejado. Mas uma sublevação das populações, precedida da demissão do *MAIRE*, complicada com a intervenção de um dos sacerdotes mais respeitados da diocese, seguido, segundo tôdas as probabilidades, de uma queixa ao Conselho de Estado por sequestração arbitrária, acompanhada de um enérgico protesto da imprensa católica ou simplesmente independente, tinha um caráter de gravidade, que não podia deixar de impressionar vivamente um homem tão inteligente e tão exato nas funções do seu cargo, como o barão de Massy.

Devia, portanto, custar singularmente ao orgulhoso Prefeito ver-se manietado na execução dessa medida radical, que tão publicamente tinha anunciado na véspera ao Conselho de revisão. Não teria isso sucedido, si o relatório dos médicos, em vez de ser uma simples e hesitante hipótese, pouco segura de si própria, tivesse autenticado a loucura ou a alucinação da Vidente. Si Bernadette estivesse realmente sofrendo de alienação mental, nada seria mais fácil ao Prefeito do que mandar verificar e atestar a perturbação mental da menina por outros dois doutores, escolhidos entre as notabilidades científicas da localidade, e assás autorizadas como pessoas de saber e de honra, para imporem a sua decisão á opinião pública. Mas o barão de Massy, ao fato de todos os interrogatórios de Bernadette, compreendeu que não encontraria um médico sério que deixasse de reconhecer e de proclamar, como toda a gente, a plena razão, a reta inteligência e a boa fé da criança.

Perante a evidência de semelhante situação, em presença das impossibilidades morais quasi materiais, que inopinadamente se erguiam perante ele, o sábio Prefeito, não obstante a sua proverbial

teimosia, viu-se constringido a cruzar os braços e a não poder prosseguir. Estava condenado á inação pela força dos acontecimentos.

Quanto a voltar completamente para traz e a revogar a medida já executada publicamente por Jacomet, nas Rochas Massabielle, nem tal coisa lhe podia passar pelo pensamento. O rapto dos objetos da Gruta, por isso mesmo que era um fato consumado, foi mantido. Mas a Vidente ficou livre, ignorando, sem dúvida, a tempestade que acabava de passar sobre a sua cabeça, mas que não tinha chegado a rebentar.

A autoridade civil, por esta tentativa abortada e não executada, demonstrou a impossibilidade absoluta de convencer Bernadette da menor perturbação cerebral. Deixando livre a Vidente, depois de ter tentado encerrá-la num hospício de alienados, o poder oficial prestava, contra sua vontade, uma pública homenagem á plena integridade dessa razão e dessa inteligência. A incredulidade, servindo-se desses golpes mal dirigidos, feria-se com as suas próprias armas, e servia precisamente a causa que ela própria pretendia atacar. Não a acusemos, no entanto de pouco hábil. Deve ser difícil lutar contra a evidência; e, por isso, em semelhante combate, devem ser inevitáveis as mais pesadas faltas.

No meio destas diversíssimas paixões e destes múltiplos cálculos, nem por isso deixaram de cair sobre Bernadette novas provações.

Preparava-se para celebrar a sua primeira comunhão, que se realizou no dia 3 de Junho, quinta feira de Corpus Christi, na Capela do Hospício. Foi nesse mesmo dia que o Conselho Municipal de Lourdes encarregou o Snr. Filhol, ilustre químico de Toulouse, de examinar a Fonte misteriosa, que há poucos meses havia jorrado sob a mão da Vidente em êxtase. Deus, entrando nesse coração infantil e de donzela, fazia também a análise de uma onda pura; e cremos bem que por certo admirou e abençoou, nessa alma virginal, a fonte mais pura e o mais límpido cristal.

A-pesar-do retiro, continuava a ser visitada. Mas era sempre a criança inocente e simples, de quem nos esforçamos por representar o retrato. Pela sua candura, pelo esplendor da sua boa fé, pelo perfume delicado da sua pacífica santidade, encantava a toda a gente.

Um dia, uma senhora, depois de ter conversado com ela, quis, num movimento de veneração entusiástica, bastante concebível para quantos conheciam Bernadette, trocar o seu rosário de pedras preciosas pelo da criança.

— Guardai o vosso, Senhora, respondeu ela, mostrando o seu modesto instrumento de oração. Tenho aqui o meu e não desejo trocá-lo. E' pobre como eu, e por isso condiz com a minha indigência.

Um eclesiástico esforçou-se para lhe fazer aceitar uma moeda de prata, que ela recusou receber. Insiste, mas recebe nova recusa tão formal, que parece inútil maior insistência. Não se julgando, porém, o sacerdote vencido:

— Pegue neste dinheiro, menina, lhe disse êle, que não é para si. Será para os pobres, por quem fará o favor de o distribuir.

—Distribua-o o Senhor, por minha intenção, e que terá mais merecimento por suas mãos, do que pelas minhas.

A pobre Bernadette entendia servir a Deus gratuitamente e cumprir, sem sair da sua nobre pobreza, a missão que tinha recebido do céu. E todavia tanto ela, com a sua família, não tinham algumas vezes dinheiro para comprar pão.

No fim do mês de Maio, esgotada Bernadette pela asma e fatigada, sem dúvida, por tantos visitantes que queriam vê-la e ouvi-la, caiu doente.

Levado pelo vivo desejo de acalmar os espiritos e de afastar toda a causa de agitação, aproveitou o Bispo de Tarbes esta ocasião e aconselhou os pais de Bernadette a mandá-la para as águas de Cauterets, que ficam muito próximo de Lourdes. Era um meio de subtrair a Vidente a esses diálogos, a esses interrogatórios, a essas narrações da Aparição, de que todos eram ávidos e que entretinham a emoção popular. Os Soubirous, inquietos com o estado de Bernadette, e compreendendo igualmente que estas continuas visitas lhe deterioravam a saúde, confiaram-na a uma tia, que se dirigia ás águas de Cauterets e que se encarregou gratuitamente dessa viagem, aliás pouco dispendiosa nessa época do ano, em que as termas estão ainda quasi desertas. Os ricos e os privilegiados só vêm mais tarde, de forma que, em maio e junho apenas se vêm em Cauterets alguns montanhese. Doente, procurando o silêncio e o repouso, tratando de se esquivar o mais possível á curiosidade pública, Bernadette tomou aí as águas durante duas ou três semanas.

A' medida que junho declinava para o seu termo, entrava-se entretanto no grande periodo das águas pirenaicas.

Bernadette voltou então para Lourdes, para casa dos seus pais.

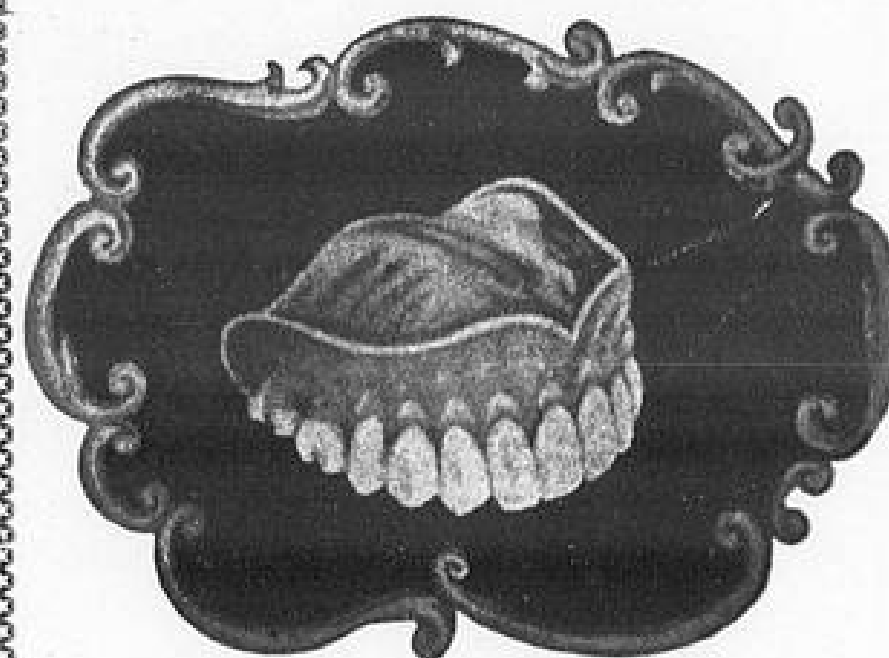
A 16 de julho, dia em que a Igreja soleniza a festividade de Nossa Senhora do Carmo, ouviu Bernadette novamente a voz, que se havia calado há alguns meses, e que a chamava, não já ás Rochas Massabielle, então fechadas e guardadas, mas á margem direita do rio Gave, nesses prados em que a multidão se reunia e orava, ao abrigo dos processos e das vexações da polícia. Apenas a criança se ajoelhou e começou a recitar o rosário, appareceu-lhe a Santíssima Virgem, Mãe de Jesus Cristo. O Gave, que separava Bernadette da Gruta, havia até certo ponto deixado de existir aos olhos da extática. Não via na sua frente, senão a Rocha bendita, de onde parecia estar perto, como outrora, e a Virgem Imaculada que lhe sorria meigamente, como para confirmar todo o futuro. Nem uma só palavra saiu dos seus lábios divinos. A um dado momento, inclinou a cabeça para a criança, como para lhe dar um supremo adeus, e depois desapareceu, para entrar nos céus. Foi a décima oitava aparição e devia ser a última.

Uma comissão de inquérito, nomeada pelo bispo, transportou-se a Lourdes, no dia 17 de novembro seguinte, e interrogou a Vidente.

—Bernadette — diz o auto levantado pelo secretário, — apresentou-se perante nós com grande modestia, mas com uma notável serenidade. Mostrou-se sossegada, em embarço, no meio dessa numerosa assembléia, em presença de eclesiásticos respeitáveis que nunca tinha visto, mas cuja missão lhe era conhecida".

DR. SANTOS LIMA

MÉDICO E DENTISTA



Muitas doenças dependem exclusivamente do mau estado de sua bôca, consulte o especialista

Dr. SANTOS LIMA — Rua S. José, 85

Sala 210 — Tel. 42-2179

Da Capela de N. S. Menina

A Capela de N. S. Menina é na residência de Dom Carlos Duarte Costa, Bispo Titular de Maura.

Rua Oto de Alencar, 20. Fone: 28-7823.

Todos os dias, inclusive os domingos, Missa, ás 7 horas.

Todos os sábados, terço, ladainha, bênção do Santíssimo e de Nossa Senhora, ás 8 horas da noite.

Na véspera da primeira sexta-feira de cada mês, terço, ladainha, Hora Santa, terminando com a bênção do Santíssimo, ás 8 horas da noite.

Nos domingos, dias santos e nas primeiras sexta-feiras de cada mês, a bênção é em seguida á Missa.

No dia 8 de cada mês, ás 7 hs. — Missa pelos benfeitores vivos e defuntos, em seguida a bênção do Santíssimo.

Mensageiro de N. S. Menina

Registrado no D.I.P. sob o número 10.584

Administração

CAPELA DE N. S. MENINA

Redação:

Rua Oto de Alencar, 20 — Fone 28-7823

Escritório:

Rua da Constituição, 10 - 1.º — Fone 22-7368

— Rio de Janeiro —

Sucursal-S. Paulo

Praça da Sé, 108 - 5.º and.

Fone: 3.3855

Proprietário e Diretor:

Dom Carlos Duarte Costa (Bispo de Maura)
Revista Mensal Ilustrada, de caráter católico,
educativo e social, inspirada na devoção de
"NOSSA SENHORA MENINA"

ASSINATURAS:

Capital Federal (12 números)	20\$000
Nos Estados (12 números)	30\$000
Número avulso	2\$000
Número atrasado	4\$000

